

# Abastecer

## Brasil

Outubro 2011 | nº 6 | www.abracen.org.br | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**Impresso  
Especial**

9912239796/2009/DR/MG

Abracen

**CORREIOS**



Associação Brasileira das  
Centrais de Abastecimento

## MODERNIZAR E PRECISO

ENTREPOSTO DE CONTAGEM  
EM MINAS GERAIS AVANÇA  
E INAUGURA SEU BANCO DE CAIXAS

## MAPA: NOVOS RUMOS

MENDES RIBEIRO ASSUME POSTO E QUER MINISTÉRIO  
DA AGRICULTURA COMO REFERÊNCIA NA ESPLANADA

## MERCADO INTERNACIONAL

AS ESTRATÉGIAS E OS DESAFIOS  
DO BRASIL PARA AUMENTAR  
A EXPORTAÇÃO DE HORTÍCOLAS



# ASSUCENA

Associação dos Empreendedores Sulcenienses  
Inspirando o Futuro  
Unidos por um Projeto

[www.assucena.org.br](http://www.assucena.org.br)

SIA SUL - Trecho 10 Lote 10

*garido*



# UCENA

resários da CEASA - DF  
confiança e satisfação.  
elo mesmo objetivo!

g - Tel: (61) 3363-1227

e 05 | Pavilhão B-4 CEASA/DF





# JUNTOS SOMOS

Nosso objetivo é unir concessionários e usuários da CeasaMinas em torno de ideias e ações que tragam desenvolvimento e qualidade para todos que fazem parte dessa Central de Abastecimento.

**ACCeasa, há 34 anos defendendo o direito dos comerciantes.**

Rodovia BR 040 - Km 688 - Ed. ACCeasa - Contagem - MG - Tel: (31) 3394-1155 - [www.acceasa.com.br](http://www.acceasa.com.br)



# MAIS FORTES

Benefícios oferecidos pelo Centro Social da ACCeasa:



  
**ACCeasa**  
Associação Comercial da Ceasa - MG

## EXPEDIENTE



### Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento

*Presidente* | João Alberto Paixão Lages [CeasaMinas]  
*1º Vice Presidente* | Mário Maurici de Lima Morais [Ceagesp]  
*2º Vice Presidente* | Romero Fittipaldi Pontual [Ceasa-PE]  
*3º Vice Presidente* | Sérgio Roberto Lopes [Ceasa Rio Branco-AC]  
*Diretor Norte/Nordeste* | Marco Aurélio Casé [Ceasa-PE]  
*Vice-Diretor Norte/Nordeste* | José Tavares Sobrinho [EMPASA-PB]  
*Diretor Sudeste/Centro-Oeste* | Nivaldo Dóro [Ceasa Campinas-SP]  
*Vice-Diretor Sudeste/Centro-Oeste* | Leonardo Penna de Lima Brandão [Ceasa-RJ]  
*Diretor Sul* | Nestor Pistorello [Ceasa Caxias do Sul-RS]  
*Vice-Diretor Sul* | Ari João Martendal [Ceasa-SC]  
*Secretário Executivo* | José Amaro Guimarães Moreira

*Vice-Presidente FLAMA* | Antônio Reginaldo Costa Moreira [Ceasa-CE]

*Conselho Fiscal Titular*  
Ivete Vieira Bulhões [Ideral-AL]  
Luiz Carlos Prezoti Rocha [Ceasa-ES]  
Reub Celestino [EBAL-BA]

*Conselho Fiscal Suplente*  
Júlio César Menegoto [Ceasa-DF]  
Petrônio José Lima Nogueira [Ceasa Paulo Afonso-BA]  
Francisco de Moura Mendonça [Ceasa Patos de Minas-MG]

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** Cláudio Fernandes  
**EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL** Kelly Santos (MG 11.704 JP)  
**COLABORADORES** Alessandro Conegundes (MG 11.155 JP), Carlos Dusse (MG 14.004 JP)  
Vinicius Mattiello (MG 14.601 JP)  
**ESTAGIÁRIOS** Douglas Vivas, Whirleny Vieira

ABRACEN  
SGAS, Quadra 901, Bloco A, Lote 69 - Ed. Conab - Sala 101/B. Brasília/DF. CEP 70.390-010  
Telefone: 61 3312.6237 | [www.abracen.org.br](http://www.abracen.org.br)  
Responsável | Jusmar Chaves

**MÍDIAMIX** [www.midiamicomunicacao.com.br](http://www.midiamicomunicacao.com.br)



Edição de Revistas e Livros e desenvolvimento de Aplicativos Mobile

<b>DIRETOR EXECUTIVO</b>	Frederico Bicalho
<b>DIRETOR EDITORIAL</b>	Christiano Bicalho
<b>DESIGNERS</b>	Mariano Vale / Tatiane Martins
<b>ASSISTENTES DE CRIAÇÃO PLENO</b>	Marcela Alvarenga / Maytê Lapesqueur
<b>ASSISTENTE DE CRIAÇÃO JÚNIOR</b>	Marcos Castilho
<b>PRODUÇÃO</b>	Júlia Cássaro
<b>ASSISTENTES DE PRODUÇÃO</b>	Danielle Ramos / Fernanda Rosa
<b>CONTROLLER</b>	Jamile Ferreira
<b>REVISÃO</b>	P. S. Lozar
<b>PERIODICIDADE</b>	Trimestral
<b>FOTOLITO IMPRESSÃO</b>	Del Rey Indústria Gráfica
<b>DISTRIBUIÇÃO</b>	Nacional
<b>TIRAGEM</b>	15.000 unidades
<b>ATENDIMENTO AO LEITOR</b>	<a href="mailto:atendimento@ad2editora.com.br">atendimento@ad2editora.com.br</a>

A Revista Abastecer Brasil não se responsabiliza pelo conteúdo dos anúncios e artigos assinados. As pessoas que não constam no Expediente não têm autorização para falar em nome da Revista Abastecer Brasil ou de retirar qualquer tipo de material se não tiverem em seu poder autorização formal do diretor-executivo constante do Expediente.

A Revista Abastecer Brasil é uma publicação da AD2 Editora Ltda.  
Rua Ludgero Dolabela, 1021, 8º andar • Gutierrez • Belo Horizonte • MG  
CEP: 30430-130 • Telefax: (31) 3299-5500 • Departamento Comercial: (31) 3347-4774  
[www.ad2editora.com.br](http://www.ad2editora.com.br)

Novas conquistas surgem para  
abrilhantar o futuro do

# ABASTECIMENTO



“ LANÇADO EM OPORTUNIDADE  
CONJUNTA COM A FRENTE  
PARLAMENTAR, O MANUAL DA ABRACEN  
JÁ É UMA REALIDADE NA ROTINA DOS  
GESTORES DAS CEASAS BRASILEIRAS ”

Neste ano em que a Associação Brasileira de Ceasas (Abracen) completou 25 anos, esta edição da revista *Abastecer Brasil* vem salientar mais um passo das Ceasas rumo ao desenvolvimento. A Frente Parlamentar foi relançada, e com esta renovação reassumimos compromissos de primordial importância, ligados à defesa do abastecimento nacional. Centrais de abastecimento reconheceram no sistema de caixas plásticas uma iniciativa revolucionária que irá garantir a tecnologia a serviço da comercialização e da sanidade dos produtos. E hoje, mais e mais Ceasas vêm aderindo aos Banco de Caixas.

Lançado em oportunidade conjunta com a Frente Parlamentar, o Manual da Abracen já é uma realidade na rotina dos gestores das Ceasas brasileiras. Com ele, os responsáveis pela gestão de uma central de abastecimento passam a contar com um norte. Entre os mais variados temas, no manual serão encontradas exposições que explanam desde o conceito de Ceasa, até procedimentos de rotina como o controle de acesso a uma central, o modo de embalagem de alimentos, além de temáticas como as concessões de uso, entre outras.

As conquistas não param por aí e já podem ser vistas por todo o país. Na Ceasa Acre, temos a notícia da instalação do Sistema Detec Web, uma inovação que, por sua funcionalidade e principalmente, presteza no registro de dados, seja de ofertas ou de comercialização, tornou-se essencial para as centrais de abastecimento.

Outros temas também têm destaque por estarem em pauta em discussões atuais no ramo do abastecimento. É o caso da implantação do Sistema de Utilização e Gerenciamento das Caixas Plásticas, discussão sobre o valor econômico das frutas para exportação e estudos de institutos de pesquisas nacionais sobre as frutas do Cerrado e dos seus aspectos nutricionais para a população brasileira.

Outra novidade desta edição é a nova editoria de técnicos experientes, onde o leitor poderá contar com toda a bagagem de conhecimentos de competentes técnicos ligados ao abastecimento. Quem inaugura a coluna é Artur César Nogueira, assessor do Ideral (Instituto de Desenvolvimento Rural e Abastecimento - Ceasa AL).

A sexta edição, busca ainda trazer à tona outros temas, como frutas ainda desconhecidas do grande público, é o caso da Pitaia, conhecida por fruta-do-dragão e até de dama-da-noite, espécie brasileira de aparência atrativa e com utilizações culinárias e nutricionais.

Além desses tópicos, a *Abastecer Brasil* apresenta artigos de especialistas ligados às Ceasas, que tratarão de inteirar o leitor dos desafios e conquistas já alcançadas. Muitos passos foram dados e muitos outros ainda hão de ser galgados. O mais importante é o compromisso de sempre se transmitir ao leitor o que há de mais atual no mercado das centrais de abastecimento.

# EVENTOS

## 2011



### WUWM – UNIÃO MUNDIAL DOS MERCADOS ATACADISTAS ([WWW.WUWM.ORG](http://WWW.WUWM.ORG))



#### CONFERÊNCIA DA WUWM

Data: 18/10/2011

Local: Shenzhen, China

### ABH – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HORTICULTURA ([WWW.ABHORTICULTURA.COM.BR](http://WWW.ABHORTICULTURA.COM.BR))



#### SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA FRUTA: OS AVANÇOS NA PRODUÇÃO DE FRUTAS

Data: 17 a 21/10/2011

Local: Campinas/SP



#### III SIMPÓSIO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS E DESERTIFICAÇÃO NO SEMIÁRIDO

Data: 25 a 27/10/2011

Local: Juazeiro/BA

### EM BREVE



#### ENCONTRO TÉCNICO SUL / SUDESTE / CENTRO-OESTE

Data: 26 a 28 /10/2011

Local: Curitiba/PR



#### ENCONTRO NORTE / NORDESTE

Data: 08 a 10/11/2011

Local: Caruaru/PE



# SUMÁRIO

## entrevistas

*Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - Mendes Ribeiro Filho* fala sobre as prioridades do seu mandato • 12

*Leonardo Penna de Lima Brandão* Presidente da Ceasa RJ se preocupou em formar uma boa equipe para reformular o trabalho da Central • 22

*Hélder Muteia* Representante da FAO no Brasil fala sobre a disponibilidade de alimentos no mundo e o que o Brasil tem feito para erradicar a miséria • 32

## matérias

*Página do Leitor* • 10

*Sim, nós podemos* As alternativas para expandir ainda mais o mercado internacional de hortifrutícolas brasileiras • 14

*Em busca do consumo ideal* uma alternativa para diminuir o consumo de energia nos entrepostos • 18

*Da madeira ao plástico* CeasaMinas inaugura Banco de Caixas. Saiba como essa implantação vai alterar a rotina das Centrais • 24

*A mística fruta-do-dragão* A Pitaia além de aparência exuberante possui sabor suavemente adocicado e lembra o kiwi • 30

*Ceasa Destaque* A nova feira de Paulo Afonso, na Bahia, prevê mais renda e geração de empregos para o município • 38

*Na prática: você sabe o que as Ceasas têm feito pelo meio ambiente?* Projetos de compensação ambiental é palavra de ordem nas Centrais de Abastecimento • 40

*Laboratório de conhecimento* a história das Ceasas contada por técnicos experientes. Nessa edição, Artur César Nogueira, Assessor do IDERAL de Alagoas • 44

*Frutas do Cerrado* As brasileirinhas mais nutritivas do Cerrado • 50

*As hortaliças esquecidas do Brasil* Entenda porque algumas hortaliças são pouco consumidas no país • 52

*A história que começou no chão* Você sabe qual a origem do nome 'Pedra'? • 54

*Painel* Várias ações acontecem nas Centrais de Abastecimento de todo o país. Fique por dentro • 56

*Inovações e conquistas* Confira tudo sobre o evento de lançamento da Frente Parlamentar e do Lançamento do Manual Operacional das Ceasas • 62

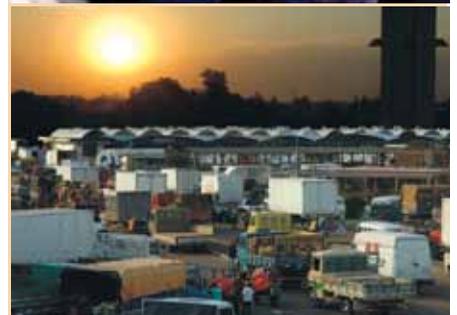
## artigos

*Ivens Mourão* Quando é necessário implantar uma Ceasa? • 34

*André Caixeta Colen* Ação Declaratória de Constitucionalidade n° 16 Repercussões e possibilidades • 46

*Carmo Rubilotta* Paradigmas ou novas oportunidades? Um pouco de história • 60

*Gustavo Almeida e Altivo A. Cunha* Supermercados e os hábitos alimentares: O que revelam as pesquisas recentes • 64





A partir desta edição, a *Abastecer Brasil* irá promover um espaço que pretende ampliar a discussão e análise de temas relacionados ao setor de Abastecimento. Esperamos que esse intercâmbio de informações vindas de todas as partes do Brasil traga ainda mais conteúdo aos nossos leitores.

Para expor suas ideias, comentários e temas a serem abordados nas próximas publicações enviem um e-mail para: [revistaabastecerbrasil@abracen.org.br](mailto:revistaabastecerbrasil@abracen.org.br)

## MELHORIA NA COMUNICAÇÃO



Acredito que a revista *Abastecer Brasil* representa um marco na comunicação entre as centrais de abastecimento do país. É uma revista de muita qualidade, tanto em forma quanto em conteúdo. Através de sua leitura é possível conhecer a história, os últimos acontecimentos e qual será o futuro das Ceasas do país. É uma leitura que sempre faço e recomendo para nossos associados.

**Luciano Vilela**

Presidente da ASSUCENA – Associação dos Empresários da CEASA-DF, Distrito Federal

## VISÃO ABRANGENTE



Nesta oportunidade, gostaria de parabenizá-los pela publicação da revista *Abastecer Brasil*. A escolha dos temas, a abordagem clara e objetiva com que são tratados, a qualidade gráfica do material fazem dela uma importante ferramenta, assegurando-nos uma visão abrangente e clara dos gargalos e desafios existentes na cadeia produtiva de alimentos, principalmente no setor de Frutas, Legumes e Verduras.

**Rogério Márcio de Ávila Aguiar**

Estudante do 8º período de Agronomia da FEAD Minas

## POR UM MERCADO COM MENOS ESPINHOS



Gostaria de expressar minha opinião como leitor da revista. Estamos conduzindo uma pesquisa, que objetiva traçar o perfil do comércio atacadista de flores e plantas ornamentais no Brasil, e a revista *Abastecer Brasil* tem sido fonte de excelentes matérias, contribuindo para o nosso entendimento sobre o funcionamento e desafios dos centros de comércio atacadista. A revista traz uma ampla gama de conteúdos e discussões acerca da distribuição e comercialização de produtos.

Mais especificamente, gostaria de comentar a edição de Abril de 2011.

1. Por um mercado com menos espinhos:

A matéria abordou um tema extremamente importante para o setor da floricultura, a rastreabilidade. A atualização em novas tecnologias, estatísticas e novos acontecimentos

são pontos que engrandecem, e muito, uma publicação, atributos contemplados pela *Abastecer Brasil*.  
2. Quais os principais fatores restritivos para o sistema atacadista: resultados de uma enquete com dirigentes e centrais de abastecimento. Fatores como classificação de produtos, logística, segurança alimentar, gestão e análise dos mercados atacadistas, abordados pela *Abastecer Brasil*, contribuem imensamente para o debate sobre a eficiência e sustentabilidade do abastecimento no Brasil.

**Lucas Silva**

Mestrando Floricultura/Mercados Atacadistas FPO  
Universidade Federal de Lavras - UFLA

Conheça a Pesquisa:

Perfil do Comércio Atacadista de Flores e Ornamentais

# A CEASA-RJ MUDOU. E FOI PARA MELHOR.

Transparência administrativa, saúde financeira e responsabilidade socioambiental tornaram-se prioridade para uma nova gestão comprometida com a eficiência e a valorização do mercado agricultor.

Em 2011, um importante passo foi dado com a revitalização das unidades do interior do estado, proporcionando a retomada da agricultura familiar como negócio rentável.

Frutas, legumes, vegetais e cereais frescos são oferecidos com a qualidade de sempre, a preços mais baixos, num mercado distribuidor, agora, mais ágil.

## CEASA-RJ

*O desenvolvimento do Estado do Rio  
passa por aqui.*



GOVERNO DO  
Rio de Janeiro

SECRETARIA DE  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL,  
ABASTECIMENTO E PESCA



CEASA  
RIO DE JANEIRO



# O NOVO ROSTO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

Mendes Ribeiro Filho aposta no diálogo como uma das armas para energizar o Ministério

Por VINICIUS MATTIELLO

*Jorge Alberto Portanova Mendes Ribeiro Filho é advogado e natural de Porto Alegre (RS). O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento tem 57 anos e tomou posse no último dia 23 de agosto. Ele é deputado federal pelo PMDB gaúcho pela quinta legislatura. No início de sua carreira, em 1975, foi secretário-executivo de gabinete da Secretaria de Turismo da capital gaúcha. Na década de 1980, esteve à frente da Secretaria Estadual de Justiça do Rio Grande do Sul, foi vereador em Porto Alegre (PDS) e deputado estadual (PMDB), reeleito no início da década de 1990. Desde 1º de julho de 2011, exercia a função de líder do governo no Congresso Nacional.*

## **1.** Qual é a principal meta da sua gestão no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento? Quais foram as recomendações da presidenta Dilma Rousseff?

Vamos energizar o Ministério da Agricultura, fazer com que ele seja referência na Esplanada dos Ministérios na capacidade de servir à sociedade brasileira. O ministério tem que ter condições de antecipar ameaças e oportunidades e tornar as políticas agrícolas tempestivas e efetivas. Teremos que trabalhar muito e contaremos com a contribuição dos servidores do ministério, que formam um quadro técnico extraordinário. Pretendemos priorizar temas como Código Florestal, aquisição de terras por estrangeiros, redesenho da política agrícola, impactos do Mercosul sobre a renda do produtor, mitigação da emissão de gases de efeito estufa, expansão das lavouras de cana-de-açúcar e do plantio de florestas comerciais. É fundamental que, até 2013, todo o território nacional seja reconhecido pela Organização Mundial de Saúde Animal como livre de febre aftosa, com vacinação.

## **2.** No discurso de posse, o senhor destacou a importância do diálogo para tomar decisões e continuar incentivando o produtor. Essa será a principal característica da sua gestão?

Ouvir e dialogar, essa é minha história. E é por isso que cheguei aqui. E é assim que pretendo marcar minha passagem no governo. Trinta anos de vida política ensinaram-me que as obras coletivas são as que perduram. O sucesso extraordinário da agricultura brasileira vem de longe e vem de muitos. Sabemos que milhões de brasileiros nos últimos anos construíram uma das mais incríveis páginas de sucesso tecnológico, produtivo e comercial – a história da agricultura no Brasil. Serei um articulador da política agrícola, alguém que, a partir do entendimento das necessidades do setor, busca estabelecer um diálogo com todos os atores envolvidos na questão: os atores internos – o próprio governo – a sociedade brasileira e os organismos internacionais. Diálogo com todos, com todos os ministérios envolvidos, em todos os escalões, em todas as esferas sociais, no comando de uma pasta que recebe as demandas, os interesses e os projetos dos mais diversos segmentos da sociedade.

## **3.** Recentemente, a Conab e o Ministério das Relações Exteriores doaram centenas de toneladas de alimentos para a Somália. Para o senhor, qual foi a importância desse ato?

O Brasil é protagonista no agronegócio mundial. Sob o comando

de firmeza da presidenta da república, ocupa espaços no cenário político mundial, opinando e contribuindo para a construção de um mundo mais justo e equilibrado. Nesse contexto, é importante que o Ministério da Agricultura possa colaborar com ações como a que foi citada, que contribui para minorar a fome de necessitados.

## **4.** Como o ministério enxerga a relação entre produção alimentar e preservação dos recursos naturais? O que será feito para promover a agricultura sustentável?

O Brasil é um dos poucos países do mundo que pode ampliar a produção de alimentos com ganhos reais de produtividade e mantendo a salvo suas reservas naturais. A produção sustentável é uma prioridade para o governo federal e, a partir da safra 2011/2012, o Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC) incorporará todas as ações que incentivam a produção de alimentos com preservação ambiental. No total, os projetos de investimento voltados a atividades agropecuárias que permitem a mitigação da emissão de gases de efeito estufa já tem disponibilizados R\$ 3,15 bilhões para o ano de 2011, que poderão ser contratados com condições mais facilitadas. O ABC reflete o esforço do governo para atender aos compromissos voluntários assumidos na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 15), de redução significativa das emissões de gases de efeito estufa gerados pela agropecuária. Nos próximos dez anos, o crescimento do volume de alimentos produzidos no país terá um incremento de 33 milhões de toneladas, sem comprometimento do meio ambiente.

## **5.** A safra 2010/2011 deve ser a maior da história do Brasil com 162,9 milhões de toneladas. A que o senhor atribui isso?

O recorde na produção permitiu que os produtores rurais mantivessem bons desempenhos em termos de valor de produção. O ciclo positivo reforça o quadro de redução do endividamento, recuperação de investimentos na atividade, procura de agregação de tecnologia, renovação das máquinas dos tratores das colheitadeiras, busca de tecnologia, maior apetite para fazer investimentos na propriedade, como o uso da linha de crédito do Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC). Em relação ao cenário para a safra 2011/2012, as expectativas são também de uma temporada de boa produtividade e produção e que deverá ainda apresentar margens positivas para os produtores, mesmo que os preços fiquem

“ O BRASIL É PROTAGONISTA NO AGRONEGÓCIO MUNDIAL. SOB O COMANDO FIRME DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, OCUPA ESPAÇOS NO CENÁRIO POLÍTICO MUNDIAL, OPINANDO E CONTRIBUINDO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MAIS JUSTO E EQUILIBRADO ”

possivelmente abaixo dos que estão sendo praticados em 2011. A safra que está sendo plantada dará uma contribuição positiva ao setor em termos de abastecimento e também em termos de contenção dos preços aos consumidores.

**6. Ainda em relação à produção, a prioridade do senhor e da presidenta Dilma Rousseff é investir na agricultura familiar ou na produção que é exportada?**

Nossa prioridade é o Brasil e os brasileiros, em todas as suas singularidades, com políticas específicas para cada situação ou necessidade. Esse ministério é dos pequenos, dos médios e dos grandes produtores. Não podemos excluir ninguém, mas não

é preciso dar o mesmo tratamento a todos. Para os pequenos, que têm o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), pretendemos aperfeiçoar a atuação da Conab, da CeasaMinas e da Ceagesp, e contribuir com a massificação da assistência técnica. Os médios terão um Pronamp (Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural) cada vez mais robusto, agregando assistência técnica e garantia de renda. E para os produtores de maior porte buscaremos melhorias na logística, assim como a consolidação de um ambiente institucional incentivador de mais investimentos. Para todos, uma Embrapa forte e criativa e um Ministério da Agricultura presente, proativo, propositivo e contributivo.



Foto: Roberto Stuckert Filho/Presidência da República

Presidenta Dilma Rousseff cumprimenta o ministro Mendes Ribeiro Filho durante a posse, observados pelo vice-presidente Michel Temer



# SIM, NÓS PODEMOS!

UVA, MELÃO E MANGA ESTÃO NO RANKING DAS  
FRUTAS MAIS EXPORTADAS PELO PAÍS

Por KELLY SANTOS



A crescente preocupação com a melhoria dos hábitos alimentares, que inclui uma dieta rica em hortaliças e frutas *in natura*, é um dos fatores que impulsionam o mercado de frutas, verduras e legumes no mundo todo.

Uma recente pesquisa apoiada pela CNA (Confederação Nacional da Agricultura) sobre o consumo de frutas e hortaliças no Brasil apontou que o impacto dos gastos com esse tipo de

alimentação sobre a renda é maior à medida que se desce na escala de classificação sócio-econômica e que o consumidor está mais consciente da necessidade de incremento de consumo das frutas e hortaliças.

Na produção de frutas tropicais, o Brasil ocupou, entre 2007 e 2009, o sétimo lugar, com 718 mil toneladas produzidas em 2009, ante 4 milhões na Índia, 3,3 milhões nas Filipinas, 2,65 milhões na China, 2,55 milhões

na Indonésia e 1 milhão de toneladas em Bangladesh. Ao se falar de vegetais frescos, o Brasil foi, em 2009, o décimo produtor mundial, com um total de 2.696 milhões de toneladas produzidas.

De acordo com Ângela Pimenta Peres, fiscal federal agropecuário do Departamento de Promoção Internacional do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o mercado de frutas tende a crescer ainda mais nos próximos anos,



principalmente devido à demanda dos consumidores de países emergentes. “Exemplo desse crescimento são os atuais polos de produção e clusters de exportação, tais como o Jaíba em Minas Gerais, Petrolina em Pernambuco e Vale do Açu no Rio Grande do Norte, que estão crescendo e ampliando cada vez mais o seu rol de ofertas de frutas”, conta Ângela.

É necessário salientar que algumas estratégias têm sido adotadas para

atingir o mercado externo e combater os fatores limitantes existentes no setor. Uma delas é o Plano Agrícola e Pecuário 2011/2012 que traz algumas linhas de crédito especiais para as frutas. Além disso, várias outras ações do governo federal têm sido implementadas no sentido de apoiar o aumento da produção e oferta de hortifrutícolas, entre elas altos investimentos em logística e promoção dos produtos brasileiros no mercado externo.

Para promover os produtos brasilei-

ros, uma das ações do Mapa é focar em desenvolver ações institucionais, técnicas e comerciais em mercados estratégicos, de forma a ampliar a participação brasileira em mercados já abertos às nossas exportações de produtos agrícolas. “Internamente temos desenvolvido ações voltadas para o fomento às exportações por meio dos Seminários do Agronegócio para a Exportação – AgroEx. Já realizamos mais de 40 seminários em todo o Brasil”, explica a fiscal.



### 📍 POR DENTRO DO MERCADO INTERNACIONAL

Entre as frutas mais exportadas pelo Brasil e com maior valor de exportação, nos últimos três anos, estão a castanha de caju, com 106 mil quilos e US\$ 601 milhões; uva, com 115 mil quilos e US\$ 247 milhões; melão, com 397 mil quilos e US\$ 270 milhões e manga, com 271 mil quilos e US\$ 260 milhões.

Entre as hortaliças, o Brasil exportou principalmente o milho doce, com 29 mil toneladas e US\$ 28 milhões; tomate, com 14 mil toneladas e US\$ 18 milhões e palmito, com 3 mil toneladas e US\$ 17 milhões.



Mapa

## Entrevista

*Ângela Pimenta Peres é engenheira agrônoma, doutora em Ciência de Alimentos, fiscal federal agropecuário do Departamento de Promoção Internacional do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-Mapa*

***Os produtos brasileiros possuem padrões de qualidade de que atendam as novas características dos mercados mundiais?***

Falta ainda uma legislação forte que permita o Mapa atuar neste tipo de controle. Estamos utilizando outros mecanismos para atestar a qualidade e a segurança destes alimentos, garantindo a saúde e proteção do consumidor; entre eles a implantação do Plano Nacional de Controle de Resíduos e Contaminantes – PNCRC. O PNCRC – Vegetal, que é baseado em normas internacionais, tem o compromisso de investigar e adotar ações corretivas acerca de todas as não-conformidades identificadas em produtos de origem vegetal. Uma característica fundamental deste programa é a rastreabilidade da amostra, que possibilita a identificação da origem de um possível problema.

***O que impede um crescimento mais efetivo no mercado internacional?***

O mercado externo para frutas e hortaliças representa algo em torno de US\$ 130 bilhões, sendo considerado extremamente competitivo e exigente. As barreiras tarifárias e os requisitos sanitários e fitossanitários dificultam as exportações, sem falar na questão do câmbio, nas dificuldades que ainda temos com logística e escoamento do produto e algumas tarifas diferenciadas para alguns países em mercados estratégicos. As hortaliças, por exemplo, exportamos apenas US\$ 19 milhões, num comércio de US\$ 55 bilhões, o que equivale a apenas 1% das exportações.

***Mesmo assim nós temos exportado mais. O que tem sido feito para alavancar esses dados?***

Acredito que o aumento na exportação de frutas possa ser, entre outros fatores, uma resposta a um trabalho de promoção comercial que vem sendo feito ao longo dos anos junto aos principais mercados compradores e mercados emergentes. Esses mercados já reconhecem a qualidade das frutas brasileiras e nosso potencial de exportação. Para as hortaliças ainda é necessário um trabalho mais forte de marketing e de aumento de instrumentos voltados à produção, comercialização e escoamento do produto.

***O Brasil se destaca em termos de quantidade e diversidade de frutas produzidas. Porém, muitas vezes essa oferta não é explorada comercialmente, desconhecida até pelo próprio brasileiro. O que fazer para mudarmos essa mentalidade?***

Realmente a diversidade das frutas brasileiras é impressionante, se comparado com os países de clima temperado. Temos frutos exóticos e que ainda não são conhecidos pelos próprios brasileiros, tais como os frutos do cerrado, como a cagaita, pitomba, pequi, baru. É necessário que se faça um trabalho amplo de divulgação do potencial brasileiro, da nossa biodiversidade, da nossa maneira sustentável de produção. Neste sentido, já temos feito alguma coisa, como participado de algumas feiras especializadas. Entre essas feiras está a *Brazilian Fruit*, que tem justamente o objetivo de promover as frutas brasileiras e seus principais derivados no mercado internacional, buscando a inserção competitiva dos produtores e exportadores brasileiros.



higienização  
& logística

o seu banco de caixas plásticas padronizadas

## O mais novo serviço oferecido na CeasaMinas Contagem



- ▶ Moderniza o setor
- ▶ Oferece produtos com mais qualidade e mais duráveis
- ▶ Atende as exigências legais
- ▶ Evita a contaminação em lavouras e plantações
- ▶ Reduz em até quatro vezes o volume de caixas e controla o estoque

- ▶ Reduz as perdas com contaminação e manuseio inadequado
- ▶ Padroniza peso e quantidade
- ▶ Otimiza o transporte e a logística
- ▶ Contribui com o meio ambiente
- ▶ Diminui acidentes de trabalho para quem manipula as caixas.

(31) 3307-3282

[www.uaimg.com.br](http://www.uaimg.com.br) • [comercial@uaimg.com.br](mailto:comercial@uaimg.com.br)

Ceasaminas • BR 040 • Km 688 • Bairro Kennedy • Contagem/MG



# EM BUSCA DO CONSUMO IDEAL

CEASAMINAS TRAÇA PLANOS PARA  
DIMINUIR SEU CONSUMO DE ENERGIA

Por DOUGLAS VIVAS



O entreposto de Contagem da CeasaMinas movimentava quase R\$ 4 milhões ao ano, volume que se compara ao PIB da cidade mineira de Uberaba, que ocupa o sétimo lugar no total de riquezas produzidas em Minas Gerais. Não é para menos, que muitas pessoas consideram esse entreposto, com mais de 2.200 km<sup>2</sup> de área e que recebe cerca de 40 mil pessoas por dia, uma “pequena cidade”.

E como toda cidade, a CeasaMinas tem despesas com iluminação pública, fornecimento de energia elétrica para as lojas, prédios e produtores rurais, cabendo a ela administrar seus gastos e buscar formas de economizar. Segundo o chefe do Departamento de Engenharia da Central, Wander Francisco de Souza, os gastos mensais com energia elétrica já ultrapassaram R\$ 700 mil.

Para diminuir esses gastos, a Central de Abastecimento mineira implantou, em abril de 2010, um sistema de eficiência energética, fornecido pela empresa

Qualilight Energia. Esse sistema consiste primeiramente na análise dos principais consumidores de energia, como é o caso da iluminação das ruas, avenidas e jardins da unidade, bem como das câmaras frigoríficas dos atacadistas. Após a análise, a Qualilight traçou um projeto de adequação dessas partes para o melhor aproveitamento da energia elétrica.

O projeto prevê economia total de cerca de R\$ 3 milhões dentro de cinco anos e evita que o consumo de energia do entreposto extrapole o teto contratado. Antes da implantação, sempre que a Ceasa ultrapassada esse teto pagava multa proporcional à quantidade de kw/h excedidos. Após a implantação do Módulo I do projeto, o gasto médio do entreposto caiu cerca de 11%, chegando a R\$ 620 mil por mês.

Segundo o diretor operacional da Qualilight responsável pelos trabalhos na CeasaMinas, Gilson dos Reis, os esforços de economia estão concentrados principalmente no controle de cargas

no horário de ponta, das 19h às 22h, intervalo em que a população demanda mais energia. “Já implantamos sistemas automatizados de desligamento de cargas não prioritárias, além da atuação no sistema de iluminação”, esclarece.

As câmaras frigoríficas, que enquadram-se nessas cargas não prioritárias, conforme aponta Gilson dos Reis, são responsáveis pelo consumo de quase 60% do total de energia do entreposto. Nelas foram instalados controladores de demanda que medem seu consumo. Quando o consumo da câmara está sobrecarregando o sistema, o fornecimento de energia para a mesma é cortado. “Esse corte é feito automaticamente, porém logo é restabelecido, não decorrendo prejuízo para os usuários”, afirma.

A CeasaMinas foi orientada ainda, a migrar seu fornecimento de energia para o mercado incentivado. Hoje a energia da Central é proveniente da



Avenida Carandai do entreposto da CeasaMinas na cidade de Contagem

Foto: Alessandro Conegundes

**AF**  
DISTRIBUIDORA DE FRUTAS E LEGUMES

**PRODUTOS SELECIONADOS**

31 3394-1975

*garden*



Foto Alessandro Contegundes

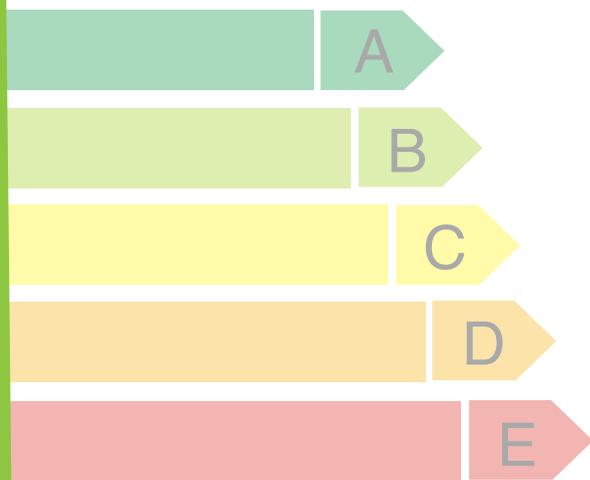


Foto Alessandro Contegundes

Ainda é madrugada quando começam os trabalhos no entreposto de Contagem da CeasaMinas

Cemig, que cobra uma taxa maior que outros fornecedores. “Quando somos consumidores do mercado incentivado, podemos comprar energia de qualquer gerador do país, podendo escolher o mais barato”, esclarece o engenheiro da CeasaMinas. Segundo ele, a documentação para entrar no mercado incentivado já está sendo recolhida, bem como a subestação de energia do entreposto está em adaptação para esse fim.

De acordo com o diretor operacional Gilson dos Reis, o projeto tem prazo de duração de cinco anos, período em que as ações serão implantadas com base nos diagnósticos e em função das prioridades que surgirem. O projeto prevê ainda, estudos de aproveitamento dos resíduos gerados pela CeasaMinas. “São gerados cerca de 35 toneladas de resíduos diariamente no entreposto da Ceasa. Estes resíduos têm um custo alto de transporte, manuseio e disposição em lugar adequado”, diz ele. Segundo o diretor, estão sendo feitos estudos para saber a viabilidade da incineração do lixo orgânico, que corresponde a cerca de 70% dos resíduos gerados no entreposto. “É a resposta ideal para esta demanda (do lixo orgânico) por várias razões. A incineração é a que menos agride o meio ambiente, é a única que gera resíduos recicláveis e só utiliza como combustível o ar ou a eletricidade, o que permite que o forno seja implantado em qualquer local”, esclarece.



# **DHF**

**PRODUTOS ALIMENTÍCIOS**

**SINÔNIMO DE QUALIDADE E  
VARIEDADE EM PEIXES  
O ANO INTEIRO.**

**3394.1715**



**Pavilhão G Box 27 a 32 - CeasaMinas  
BR 040 - Km 688 - Contagem / MG**



## NOVOS PLANOS PARA NOVOS MOMENTOS

Por DOUGLAS VIVAS

*“Construir uma nova empresa a partir dos pilares da transparência, eficácia, eficiência, produtividade e meritocracia.” Esse é o objetivo do advogado especializado em direito público, Leonardo Penna de Lima Brandão, presidente da Ceasa carioca. Natural da cidade de Niterói (RJ), foi por três anos, de janeiro de 2005 a dezembro de 2007, subsecretário de Direitos Humanos da Secretaria de Segurança e Direitos Humanos da Prefeitura de Niterói. Em janeiro de 2009, assumiu a Diretoria de Administração da Niterói Transporte e Trânsito S.A. (Nittrans), da qual saiu em junho do mesmo ano para assumir a Chefia de Gabinete da Comissão de Saúde e Desenvolvimento Social da Câmara Municipal de Niterói.*

### **1.** Quando o senhor assumiu o cargo e qual foi sua primeira impressão e análise sobre a situação da Ceasa RJ?

Assumi no dia 4 de fevereiro de 2011. Confesso que fiquei bastante preocupado com o cenário que encontrei. Quando recebi o convite do Secretário de Estado de Desenvolvimento Regional, Abastecimento e Pesca, deputado Felipe Peixoto, encarei como um grande desafio. Talvez o maior da minha vida profissional. Teve gente que me desencorajou a vir, achando que seria uma grande roubada. Mas eu sou uma pessoa que não foge das batalhas. É muito gratificante encontrar essas mesmas pessoas e receber delas os parabéns pelo trabalho realizado. Logo na primeira semana, enfrentamos a tragédia das chuvas que abateu a região Serrana. Arregaçamos as mangas e criamos um gabinete de crise, que contou com a participação de associações e cooperativas de produtores e pregoeiros, representantes do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar, além dos nossos funcionários. O gabinete de crise ficou responsável por organizar as doações recebidas nas nossas unidades e fazer o envio desses donativos para os locais atingidos. De acordo com o balanço feito pelo setor de armazenamento da Ceasa, cerca de 150 toneladas de alimentos, 470 mil litros de água, 500 colchões, 1500 cobertores, além de roupas, calçados, fraldas e eletrodomésticos foram enviados para a região Serrana. Foi uma espécie de primeira vitória e de demonstração do potencial de trabalho que a Ceasa RJ possui.

### **2.** Como o senhor avalia esses primeiros meses à frente da Ceasa RJ?

Estão sendo meses de muito trabalho. Passo de 10 a 12 horas por dia dentro da Ceasa RJ. Estou vivendo essa experiência da maneira mais intensa possível. Minha primeira preocupação foi arrumar a casa. Tenho consciência de que este ano servirá para botar as coisas em ordem. Estamos conseguindo avançar em diversas questões, como, por exemplo, na retomada da normalidade gerencial e da recomposição administrativa da empresa, na criação do Banco de Alimentos, na formalização de convênios e parcerias com diversos órgãos públicos, na retomada das unidades da Ceasa no interior, na melhoria da segurança da Unidade Grande Rio. Neste semestre, foi a primeira vez em 30 anos que as nossas contas saíram do vermelho. As dívidas dos

permissionários começaram a ser pagas através de renegociações, provocando um salto enorme na arrecadação.

### **3.** Como o senhor e sua equipe estão se mobilizando para superar as dificuldades encontradas?

Tenho uma equipe muito boa de trabalho. Se eu passo 12 horas aqui dentro, eles passam também. Meu objetivo é ter uma gestão moderna e eficiente, elaborar um Plano de Abastecimento para o estado do Rio de Janeiro e, principalmente, interiorizar a atuação da Ceasa, fortalecendo e ampliando os Mercados do Produtor, tendo como foco o produtor rural da agricultura familiar. Rompi com aquela cultura de transformar a Ceasa em um espaço para penduricalhos políticos. Meus diretores são todos de minha confiança e estão aqui por mérito e por seu perfil técnico-operacional.

### **4.** Quais são os principais projetos para a sua gestão?

A Ceasa RJ está atuando em duas frentes principais. São duas missões que o Secretário Felipe Peixoto e o Governador Sérgio Cabral me passaram. A primeira é um choque de gestão na Ceasa RJ. Vamos construir uma nova empresa a partir dos pilares da transparência, eficácia, eficiência, produtividade e meritocracia. Estamos organizando as finanças e redefinindo a relação com os permissionários. A outra prioridade é voltada para a nossa atividade-fim. Temos que pensar na agricultura familiar e nos produtores rurais. A Ceasa não pode funcionar apenas como uma imobiliária que cuida da ocupação de suas áreas pelos comerciantes. Pensamos em uma coisa mais ampla para focar na agricultura familiar. O grande comerciante não precisa do apoio e tutela do estado para desenvolver sua atividade, já o produtor rural não tem apoio de ninguém.

### **5.** Existe algum plano para os projetos sociais Sacolão da Comunidade, Panela Cheia e Sopa da Cidadania?

Encontramos todos esses projetos desativados e com toda a memória documental desaparecida. O Sacolão da Comunidade dará lugar ao projeto Ceasa nos Bairros. Quando assumimos, há seis meses, identificamos uma série de irregularidades no projeto, que fugia da característica fundamental de ofertar produtos hortifrutigranjeiros a preços acessíveis nas localidades mais carentes. A partir de agora,



“ A IDEIA É TRANSFORMAR A  
CEASA EM UM GRANDE POLO DE  
DESENVOLVIMENTO, UMA ESPÉCIE  
DE CENTRAL DE NEGÓCIOS  
ECONÔMICOS E RURAIS ”

os ônibus em que esses produtos são comercializados somente poderão vender no interior das comunidades populares. Já os projetos Panela Cheia e Sopa da Cidadania foram fundidos e transformados no Banco Ceasa RJ de Alimentos. O objetivo é ser uma ferramenta de fortalecimento das políticas de segurança alimentar e nutricional e de combate à fome. Temos 40 instituições cadastradas e doamos 25 toneladas de alimentos por mês. Estamos fazendo alguns ajustes para ampliar a capacidade de atendimento para todo o estado. Com isso, poderemos facilitar a compra de merenda escolar; reduzir o desperdício de alimentos nas unidades da Ceasa, incentivar a agricultura familiar e oferecer cursos de formação e qualificação profissional nas áreas de alimentação e nutrição.

**6.** *Na sua posse, o senhor afirmou a intenção de criar um plano de abastecimento para o Rio de Janeiro focado na interiorização da atuação da Central, fortalecendo e ampliando o apoio ao produtor rural da agricultura familiar. Qual a importância desse plano e qual será o apoio ao agricultor familiar?*

Posso dar um simples exemplo. Em junho deste ano, assinamos um Termo de Cooperação Institucional com a União das Associações e Cooperativas de Pequenos Produtores Rurais do Estado do Rio de Janeiro (Unacoop). Nesse documento oficializamos uma reivindicação histórica do movimento de agricultores familiares do estado do Rio de Janeiro, cedendo o Pavilhão 30 da Unidade Grande Rio para a Unacoop. O espaço será destinado à formação do agricultor familiar; processamento dos alimentos, venda de produtos, além da motivação à participação nos programas governamentais, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que determina que 30% da merenda escolar seja adquirida diretamente da agricultura familiar. Nossa ideia é implantar no Pavilhão 30 o Centro de Comercialização da Agricultura Familiar, cuja gestão será realizada por um Conselho Gestor composto pela Ceasa, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Unacoop. Além disso, estamos fortalecendo as unidades do interior, onde está a maioria dos produtores rurais. Só para se ter uma ideia, na unidade do Noroeste Fluminense, houve um aumento de comercialização de 300% neste primeiro semestre, comparado com o mesmo período do ano passado.

**7.** *Qual é o grau de modernização dos entrepostos cariocas? Existem projetos para aprimorar essa modernização?*

As unidades ainda estão aquém do que entendemos como minimamente necessário. Nosso objetivo é criar mecanismos para recuperar as unidades, tanto estruturalmente quanto na oferta de serviços, como, por exemplo, no tratamento e difusão de informações e criação e manutenção de espaços negociais. Existe a

possibilidade da realização de convênios de gestão compartilhada das unidades da Ceasa com municípios. É mais uma determinação do nosso secretário. Nosso objetivo é fomentar o desenvolvimento rural nessas regiões. A ideia é transformar a Ceasa em um grande polo de desenvolvimento, uma espécie de central de negócios econômicos e rurais. Não só os municípios onde temos sedes serão beneficiados, mas toda a região será envolvida. Quero que o produtor e o comerciante do interior do estado possam negociar em uma central próxima à sua casa, sem grandes deslocamentos. Isso evitará desgastes físicos, custos e aumentará a qualidade do produto, que chegará muito mais fresco à mesa do consumidor. Para isso ser possível, a Ceasa precisa garantir mercados fortes e que apresentem condições dignas de comercialização.

**8.** *Em que medida parcerias com outras entidades, em especial com a Abracen, contribuem para a melhoria da gestão?*

É muito importante para a Ceasa RJ ter uma representação na Abracen. Isso permite uma discussão mais abrangente da nossa política de abastecimento, já que possibilita a troca de experiências e a participação em encontros voltados à qualificação técnica da gestão. A Abracen cumpre um papel muito importante na defesa das Ceasas do Brasil.

**9.** *Em matéria veiculada no site da Ceasa RJ, o senhor comentou que a parceria com a Polícia Militar do Estado está rendendo bons resultados para sua organização. Quais são esses resultados e como eles foram conquistados?*

Na minha primeira semana de gestão, identifiquei alguns problemas crônicos. Existiam prostituição infantil, tráfico de drogas, roubo de cargas, atuação de milícias e outros desmandos sendo praticados no interior da nossa Unidade Grande Rio. Procuramos o comandante do batalhão, coronel Alexandre Fontenelle, para pedir suporte. Realizamos uma primeira operação conjunta, que foi um marco para a nossa gestão. Uma pessoa foi presa por exploração sexual infantil e 59 foram detidas. Estou tendo total respaldo do governador Sérgio Cabral e do secretário Felipe Peixoto. Em outra operação, dessa vez com a participação de auditores fiscais do Ministério do Trabalho, a polícia nos ajudou a combater o trabalho infantil no interior da Unidade Grande Rio. Existe também uma parceria com o Batalhão de Operações Especiais (Bope). Recebi o comandante da corporação, tenente coronel Wilian Renê, e acertamos que a empresa, através do Banco Ceasa Rio de Alimentos, irá doar alimentos para as atividades sociais da Polícia Militar nas comunidades pacificadas pelas UPPs. Estamos estabelecendo boas relações em diversos níveis para garantir a segurança pública. Podemos dizer que, agora, o estado voltou a mandar na Ceasa.

# DA MADEIRA AO PLÁSTICO

COMO A UTILIZAÇÃO DE EMBALAGENS PLÁSTICAS NO ENTREPOSTO DE CONTAGEM DA CEASAMINAS, NA GRANDE BH, VAI CONTRIBUIR PARA MODERNIZAR O MERCADO

POR VINÍCIUS MATTIELLO

O produtor colhe suas frutas, verduras e hortaliças e, após o beneficiamento, acomoda os produtos em uma caixa de plástico específica para aquele tipo de produção. Ele segue para o atacado, onde vende a mercadoria na mesma embalagem. Quando chegam ao varejo, ao invés de serem realocados nas gôndolas, os hortícolas continuam nessas caixas e só saem de lá quando são levados pelo consumidor. Em Belo Horizonte, esse cenário, por enquanto, só existe na imaginação. O primeiro passo para transformá-lo em realidade, no entanto, foi dado no dia 2 de setembro, com a inauguração do Banco de Caixas no entreposto de Contagem da CeasaMinas.

O Banco de Caixas consiste em uma unidade criada para alugar, receber, higienizar, estocar e entregar as embalagens plásticas padronizadas dentro das normas exigidas pela lei. Em 2002, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) criaram a Instrução Normativa 009. Segundo o texto, as embalagens destinadas ao acondicionamento de produtos hortícolas *in natura* devem ser descartáveis (madeira e papelão) ou retornáveis – caso em que elas devem ser higienizadas.

Tomate e banana são os itens que começam a operar com o Banco de Caixas. Não existe um cronograma para

a inclusão de novos hortícolas. “A ideia é que seja feito um monitoramento de como o programa funciona com o tomate e a banana antes da inclusão de outros produtos”, esclarece Rogério França, diretor da UAI Higienização & Logística, empresa responsável por administrar o Banco de Caixas. Rogério explica que, com a iniciativa, o toque excessivo nos produtos será evitado. Como consequência, as perdas seriam reduzidas e os hortifrutícolas teriam mais qualidade.

Para o presidente da CeasaMinas, João Alberto Paixão Lages, a decisão de começar com o tomate e a banana e incluir os demais produtos aos poucos é estratégica. “O mercado de Contagem é muito grande, por isso o programa será implantado de forma segmentada. Os desafios de implantar o Banco de Caixas aqui é maior, porque nosso mercado não é regional como os mercados do interior. Isso significa que nós recebemos produtos de diversos estados e também enviamos produtos para outros. Esperamos que em dois anos todo o mercado esteja funcionando com as caixas padronizadas. Quando isso acontecer, entre 4 e 5 milhões de embalagens plásticas serão higienizadas por mês no entreposto de Contagem”, prevê.

Hoje, as caixas de madeira predominam no mercado de Contagem. “A caixa de madeira machuca e comprime o produto”, alerta Gustavo Almeida, engenheiro agrônomo da CeasaMinas. Para evitar

esse problema, os cantos das embalagens plásticas padronizadas são arredondados. Outra vantagem é que existirão modelos específicos para cada mercadoria, de acordo com as suas características. “Você terá uma caixa para o repolho, que é mais alta, e outra para a nectarina, que é mais baixa”, exemplifica.

De acordo com o agrônomo, a perda em toda a cadeia de produção é de 30%. Com a introdução do programa, poderia ser reduzida para 15%. “É um passo enorme na sustentabilidade da produção de alimentos no mundo, que cada vez mais demanda por comida. Segundo a ONU, seremos 9 bilhões de pessoas até 2050. A redução de perdas aumenta a disponibilidade de produtos, sem usar mais recursos naturais e sem aumentar a poluição e a produção de lixo”, diz Gustavo.

As caixas de plástico evitam que os hortícolas amassem. O engenheiro agrônomo Joaquim Alvarenga, presidente da comissão criada para a implantação do Banco de Caixas na CeasaMinas, explica que, quando as frutas e hortaliças sofrem alguma pancada, sua atividade respiratória aumenta. “Se o produto leva, normalmente, seis dias para amadurecer, agora leva apenas dois. Ele tem sua vida útil reduzida”, conta. Quando isso acontece, a mercadoria chega ao varejo com menor qualidade e acaba se perdendo.

O professor do Departamento de Ciência dos Alimentos da Universidade Federal de Lavras, Luiz Carlos Lima, acres-



Foto Alessandro Correia/Agência

O Banco de Caixas vai revolucionar o modo como é feito o transporte de alimentos na CeaSaMinas

centa a contribuição do Banco de Caixas para a redução da veiculação de doenças. “Hoje, o produtor adquire uma embalagem que não é higienizada. Ao levar essa caixa com fungos e bactérias para a sua lavoura, a probabilidade da sua plantação adquirir a doença é muito grande”, afirma. Até mesmo enfermidades humanas podem ser evitadas. “Embalagens não higienizadas trazem restos de alimentos, que atraem ratos. A urina desses animais transmite a leptospirose, por exemplo”, adverte o professor.

#### MEIO AMBIENTE

A sustentabilidade é uma das ideias que guiam as ações no Banco de Caixas. Na JR Plásticos, uma das empresas homologadas para fornecer o material, todas as embalagens produzidas para a CeaSaMinas são feitas com materiais reciclados, em sua maioria, caixas que não servem mais

para o uso. “Criamos um mecanismo para incentivar o recolhimento do material. Para cada três caixas usadas doadas, o comprador leva uma nova de graça”, conta Lucas Abrão, diretor comercial. Ele ressalta que as caixas que saem da máquina com defeito também são recicladas. Por mês, a empresa transforma 180 toneladas de plástico.

Reciclagem, entretanto, não é sinônimo de má qualidade. Quando o material usado chega à empresa, ele passa por um processo de separação. Cerca de 10% é descartado, pois não é feito de PEAD (Polietileno de Alta Densidade). “O PEAD é o material ideal para produzir as caixas, pois não são tão rígidas que possam quebrar, nem tão frágeis que não sustentem o peso dos produtos. Além disso, possui boa resistência climática”, justifica Lucas. A reciclagem também reduz o custo de produção, o que faz com que o preço da

embalagem seja até 80% menor do que o da feita com material virgem.

#### OUTRAS EXPERIÊNCIAS

“Não tem nem comparação.” É assim que Tomé Campos, coordenador da Seção de Unidades do Interior da CeaSaMinas, define a diferença entre os entrepostos antes e depois da implantação do Banco de Caixas. Em Uberlândia, o programa funciona desde 2004. Em Governador Valadares e Caratinga, está em operação desde o final do ano passado. Nessas unidades, os objetivos da implantação foram alcançados e todos os produtores do MLP já trabalham com as embalagens plásticas. “Não tivemos dificuldade em conseguir a adesão dos usuários, porque houve muita conversa antes. Não forçamos essa mudança”, lembra Tomé.

Na CeaSa de Campinas, 15% dos mais de 1,8 milhão de caixas que circulavam



Foto Divulgação CausaMinas

O entreposto de Governador Valadares ficou mais organizado depois que todos os produtores do MLP começaram a usar as embalagens plásticas



Foto Divulgação CausaMinas



na Central, em 2009, eram de plástico. Após a implantação do Banco de Caixas, o número aumentou para 60%. “A cadeia do setor está habituada a trabalhar há anos com embalagens sucateadas e sem higienização. Por isso, a conscientização tem sido fundamental para quebrar esta barreira cultural e fazer os envolvidos refletirem. O consumidor é cada dia mais exigente e quem não se adapta perde competitividade”, analisa Nivaldo Dóro, presidente da Ceasa Campinas.

Iniciativa semelhante foi adotada em Pernambuco, também no final de 2009. Com a Central de Embalagens, o mercado está mais limpo e organizado. O programa começou com o tomate e já foi ampliado para outros produtos, como mamão, abacaxi e laranja. Periodicamente, são realizadas reuniões para avaliação e inclusão de novos itens. Atualmente, a banana está em fase de implantação.

“Ganha o consumidor, que tem a garantia de produtos bem armazenados; ganha o meio ambiente, com as caixas retornáveis; ganha o comerciante, que tem seu índice de perda diminuído consideravelmente”, frisa Romero Pontual, presidente da Ceasa Pernambuco.

#### COMO FUNCIONA

Em um primeiro momento, tanto o vendedor como o comprador precisam adquirir as caixas em uma das empresas homologadas para oferecer o material. Um sistema de logística reversa vai promover a rotatividade das embalagens plásticas. Assim que entrar no entreposto, o comprador deve passar no Banco de Caixas e entregar as suas embalagens vazias. Em troca, ele receberá o número correspondente de vales-caixa. Quando adquirir novas mercadorias, o comprador repassa os

tiquetes ao fornecedor, que pode trocá-los por novas caixas. “É como o botijão de gás. Na primeira vez, é necessário comprá-lo. Depois, você só compra o gás. O usuário vai adquirir a caixa uma única vez. Se ele não perder a caixa ou o vale, terá a embalagem indefinidamente”, compara Rogério.

Para facilitar essa logística, a COOPHEMG (Cooperativa dos Produtores de Hortifrutigranjeiros do Estado de Minas Gerais) emprestará caixas de plástico aos clientes do MLP. “Se o próprio comprador trazer a caixa de volta, ele não pagará nada pelo empréstimo. Se tivermos que buscar a caixa, ele pagará um pequeno valor, que vai variar de acordo com a distância”, explica José Antônio Silveira, presidente da Cooperativa. Para controlar o fluxo, será utilizado sistema semelhante ao cartão de crédito.



# QualiLight Energia

**Projetos inteligentes e personalizados que propõem a utilização mais eficiente e racional da energia elétrica.**

Através de diagnóstico minucioso elaborado por uma equipe de engenheiros altamente capacitada, firmar parceria com a QualiLight Energia é investir em uma dinâmica inovadora, com resultados comprovados e em sintonia com uma postura de consciência ecológica e gestão de recursos.

**A QualiLight Energia é mais que uma empresa de consultoria. Por meio de compromisso documentado no Contrato de Performance, estabelece sua remuneração a partir do sucesso obtido. Não há custos fixos para o contratante.**

## Metodologia Sólida e Eficaz. Oportunidades que geram Resultados

-  Identificação de oportunidades
-  Estudo de alternativas
-  Avaliação de soluções técnicas ambientais e financeiras
-  Desenvolvimento de projetos
-  Gerenciamento e implementação de obras
-  Instalação e execução de medições
-  Proposição de diretrizes econômicas e tarifárias

Rua Tupinambás, 360 - Conj. 405 - Centro  
Belo Horizonte / MG - Cep:30120-904

+55 (31) 3309-9100  
[www.qualilight.com.br](http://www.qualilight.com.br)

# ENTRE ASPAS



“Mais uma vez, a CeasaMinas sai na frente! Queremos levar isso para o Rio, por isso, vamos continuar em parceria e aprendendo com Minas. É uma ideia para todo o Brasil. Já estamos conhecendo o projeto e queremos avançar nesse sentido. Isso é urgente!”

*Leonardo Brandão  
Presidente da Ceasa do Rio de Janeiro*



“Falar sobre a importância estratégica do Banco de Caixas é redundante. Espero que a ideia seja disseminada pelo Brasil, criando um ambiente de sustentabilidade econômica, ambiental e social. São iniciativas como essa que geram as riquezas deste país”

*Gerardo Fonteles  
Assessor do Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e membro do Conselho Administrativo da CeasaMinas*



“É preciso que as pessoas quebrem paradigmas e estabeleçam formas mais competitivas de atuação. O Banco de Caixas de Minas é um exemplo em extensão, volume e funcionamento. Acredito que, em maior ou menor grau, todas as Ceasas estão comprometidas com essa atividade”

*Orlando Tokio Kumagai  
Diretor Técnico da Ceasa de Goiás*



“O Banco de Caixas, além de atender à normatização do uso de embalagens, vem de encontro à própria necessidade de toda a cadeia produtiva. Certamente, será um avanço qualitativo e quantitativo na comercialização”

*Carmo Rubilota  
Diretor Técnico da  
Ceasa do Espírito Santo*



“A inauguração do Banco de Caixas é um marco histórico e estratégico para o abastecimento de Minas Gerais. Ele vem no sentido de melhorar a qualidade dos produtos e é fundamental para abaixar o preço final para o consumidor”

*Edmar Gadelha  
Subsecretário de Agricultura Familiar da  
SEAPA (Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais)*



“A introdução das caixas plásticas é um processo de avanço que modernizará todo o mercado. Elas tornam mais fácil a vida de quem as manuseia e vão contribuir para a profissionalização do transporte e do carregamento”

*Sérgio Aparecido Pereira  
Coordenador de Sustentabilidade da  
CEAGESP (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo)*



“Minas Gerais, mais uma vez, demonstra que é uma referência para todo o Brasil. Com essa atitude, caracterizada pela modernização, inovação e tecnologia, a CeasaMinas demonstra que está preparada para entrar no cenário global”

*Gabriel Guimarães  
Deputado Federal (PT/IMG), integrante da  
Frente Parlamentar em Defesa das Ceasas*



“Com certeza, o Banco de Caixas vai funcionar. Eu acredito que o programa não tenha nenhum ponto negativo. Ele vai agregar valor aos nossos produtos e vai beneficiar toda a cadeia produtiva. Isso é uma vitória! É tudo que os produtores esperavam!”

*Antônio Lopes Rodrigues  
Presidente da APHCENMG (Associação dos Produtores de Hortifrutigranjeiros da Ceasa de Minas Gerais)*



“A criação de um Banco de Caixas da importância do que agora existe na CeasaMinas pode servir de referência para todo o país. A segurança alimentar está intimamente ligada a ações como essa. A CONAB aplaude a iniciativa, que vai contribuir para a saúde da população brasileira”

*Newton Júnior  
Gerente de Modernização do Mercado Hortifrutigranjeiro da CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento)*



# MERCADO DO PRODUTOR DE JUAZEIRO-BA

O MAIOR DO NORDESTE. O 4º MAIOR DO BRASIL.  
O LUGAR CERTO PARA COMERCIALIZAR  
SUA PRODUÇÃO.

## MERCADO PRODUTOR

A produção agrícola da região decorre de vários projetos de irrigação de pequenas e médias empresas, e da agricultura familiar do município de Juazeiro-BA. O Mercado do Produtor, maior do norte e nordeste e quarto do país em volume e valor de negócios, foi inaugurado em julho de 1984 e começou a funcionar administrativamente em fevereiro de 1986.

Com uma área de 8,6 hectares o entreposto comercializa mais de 80 mil toneladas por mês, gerando 1.500 empregos diretos e cerca de 5.500 indiretos; num movimento superior a R\$ 800 milhões por ano. Considerado um canal de escoamento da produção local, a Central possui 1.200 locais de comercialização entre boxes, módulos, paletes e pedras; além de 40 restaurantes que vem se modernizando.

Distante 800 Km das principais capitais do Norte e Nordeste do país, a Central tem grande importância na distribuição de mercadorias para outras regiões, possibilitada pela junção - solo fértil e o rio São Francisco - que torna a região uma das mais ricas na produção de frutas e legumes.

Dentre os produtos comercializados destacam-se: cebola, tomate, banana, manga, coco, melancia, melão, abóbora, goiaba e uva. Já em relação aos produtos vindo de outras regiões da Bahia e Brasil temos: Batata inglesa (batatinha), batata doce, maçã, pêra, morango, laranja, abacate, abacaxi, caqui, ameixa, nectarina, além de cereais e especiarias.

### HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Segunda-feira	-	de 05 às 23h
Terça-feira	-	de 02 às 23h
Quarta-feira	-	de 04 às 23h
Quinta-feira	-	de 04 às 23h
Sexta-feira	-	de 05 às 23h
Sábado	-	de 02 às 23h
Domingo	-	de 04 às 23h





# A MÍSTICA FRUTA-DO-DRAGÃO

CONHECIDA MUNDIALMENTE COMO DRAGON FRUIT OU FRUTA-DO-DRAGÃO, A PITAIA TEM APARÊNCIA RÚSTICA QUE ESCONDE A DELICADEZA E OS SABORES DA FRUTA

POR ALESSANDRO CONEGUNDES





**P**ertencente à família das cactáceas e conhecida mundialmente como *Dragon Fruit*, ou fruta-do-dragão, a pitáia é o nome dado ao fruto de várias espécies nativas do México e América do Sul, sendo também cultivada no Vietnã, Malásia, Israel e China. O termo pitáia significa fruta escamosa. A planta só floresce à noite (com grandes flores brancas), por esse motivo, são também conhecidas por flor-da-lua ou dama da noite.

A espécie frutífera tropical ainda é pouco conhecida no Brasil, mas existem indícios da fruta de forma natural na Amazônia brasileira. A variabilidade entre as espécies é grande, tanto no tamanho quanto na coloração dos frutos: algumas delas apresentam coloração vermelha tanto na casca quanto na polpa; em outras variedades, a polpa é esbranquiçada. Externamente, a coloração do fruto é amarela (pitáia colombiana). No cultivar colombiano, o fruto é menor, apresentando espinhos.

A pitáia vermelha vem sendo procurada não apenas pela aparência muito atrativa, mas também, por suas características organolépticas (de fácil percepção pelos sentidos humanos), de sabor agradável e levemente adocicado. Em razão disso, tem se mostrado uma alternativa promissora para os produtores de frutas. Crê-se que a variedade de interior vermelho é rica em antioxidantes.

Durante muito tempo, o consumo da fruta foi restrito às mesas norte-americanas, europeias e australianas, chegando ao Brasil na década de 1990 através de importações da Colômbia; o que despertou o interesse dos fruticultores brasileiros.

Pode-se consumir a polpa da fruta ao natural ou processada como refresco, geleias ou doces. É também utilizada em medicina caseira, como tônico cardíaco, seu gosto lembra um pouco o melão. Apesar de sua aparência chamativa, o paladar é suave. As sementes têm efeito laxante. Além do fruto, que tem efeito em gastrites, o talo e as flores são usados para problemas renais.

### **PITAIA VERMELHA CONTÉM:**

Acido ascórbico - 25,0mg  
Cálcio - 6,0mg  
Calorias - 36,0 mg  
Carboidratos - 9,2g  
Proteínas - 0,5g  
Fibra - 0,3g  
Fósforo - 19,0mg  
Gorduras - 0,1g  
Ferro - 0,4mg  
Niacina - 0,2mg

### **COM VOCÊS, A PITAIA:**

- Partes usadas: frutos
- Família: cactáceas
- Características: hortaliça de folhas pontudas, ovais e retorcidas. Seu fruto pode ser comprido ou fusiforme, podendo também variar sua coloração. As variedades mais conhecidas são verde, amarelo e vermelho. Porém existem outras variedades bastante exóticas, como branco, roxo, azulado, preto e laranja.
- Outros nomes: pimento.
- Princípio ativo: glicídios, protídeos e resinas, dentre outros.
- Propriedades: vitaminizante, digestiva, antiespasmódica



# Os novos desafios da FAO

Aprofundar na descentralização é um processo contínuo

POR KELLY SANTOS

**H**élder Muteia é moçambicano e atua como representante da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) no Brasil desde 2010. Formado em veterinária e agroecologia, antes de ser indicado para atuar no Brasil foi ministro da Agricultura em Moçambique, deputado da Assembleia da República e representante da FAO na Nigéria. Em entrevista à revista Abastecer ele fala sobre a nova representatividade que a FAO irá exercer nos próximos anos e as ações implementadas no Brasil para crescimento e diminuição da miséria.

**1. Como o senhor vê a eleição do José Graziano – primeiro latino-americano a comandar a FAO? A representação dele será um dos caminhos para a descentralização, ou seja, a representatividade dos países em desenvolvimento irá aumentar?**

As eleições decorreram normalmente e ganhou o que obteve mais votos. A FAO é uma instituição com experiência e história. Há um processo de reforma iniciado há alguns anos e a expectativa é que esse processo continue aprofundando a descentralização. Com ela virá a eficiência e a eficácia das nossas ações.

**2. O Brasil figura hoje como a sétima economia mundial. Qual a maior contribuição do nosso país nas grandes decisões mundiais?**

A economia brasileira está sólida, mais sólida ainda nas commodities agrícolas. O Brasil está entre os melhores na produção e exportação de grãos, na pecuária, legumes e frutas, e na área de biocombustíveis. Em consequência desse exemplo de determinação, a sua participação nas grandes decisões mundiais se torna mais evidente. No que diz respeito à segurança alimentar, o Brasil tem sido pioneiro de boas práticas no campo tecnológico e políticas públicas.

**3. Existe uma alternativa sustentável para a exploração econômica da Amazônia?**

Naturalmente, existe sempre um ponto de equilíbrio entre a utilização de um recurso e a sua sustentabilidade. E a Amazônia não foge à regra. É um ecossistema que tem grande importância para o Brasil, países vizinhos e o mundo. Ela gera oportunidades, e essas oportunidades devem ser exploradas sem pôr em perigo a sua sustentabilidade.

**4. Sobre o problema de uma futura escassez de água no mundo, agravada em virtude da desigualdade social e da falta de manejo e usos sustentáveis dos recursos naturais, o que deve ser feito?**

A medida mais importante no que diz respeito à água é a racionalização do seu uso. Isso implica não apenas em diminuir a utilização para não interferir no ciclo da água, mas também a não poluição dos reservatórios de água e a preservação dos elementos fundamentais do seu ciclo, como por exemplo, as florestas. Elas

estabilizam o ciclo da água de várias maneiras, e essa relação entre a vegetação, o fluxo da água e seus reservatórios devem ser mantidos. Uma gestão integrada das bacias hidrográficas faz parte das medidas recomendadas.

**5. Hoje no Brasil, com o avanço da classe C e do poder de consumo maior, contamos com políticas concretas para permitir o acesso de todos a um consumo de alimentos substancial?**

O Brasil deu passos significativos no combate à fome. O Programa “Fome Zero” tem equilíbrio entre medidas para aumentar a produção, garantir acesso aos alimentos e à água às camadas mais vulneráveis que podem suprir alimentação às crianças em idade escolar e promover o acesso ao mercado e ao crédito. Exemplos de políticas que materializam esses ideais são “Mais Alimentos”, “Cisternas”, “Bolsa Família”, “Compras Locais”, “Merenda Escolar” etc. E os resultados estão aí, o Brasil não só cresce como reduz a incidência da fome. Claro que o Brasil ainda não erradicou a fome e deve continuar os seus esforços. E a campanha de erradicação da miséria recentemente lançada, se tiver sucesso, possibilitará ao Brasil dar um passo gigantesco. Como eu digo, a pobreza é a mãe da fome.

**6. O Brasil tem alcançado bons resultados no combate à fome. O crescimento do agronegócio, o aumento de produção e de segurança alimentar cresce na mesma proporção?**

As estatísticas demonstram que sim. A disponibilidade de alimentos é parte fundamental da equação da segurança alimentar. O agronegócio cumpre essa função.

**7. Qual o papel da FAO na internacionalização da agricultura, em relação ao aumento da prática de exportação de terras?**

A FAO é uma organização que pertence às nações. Elas ditam o rumo e o ritmo pelos órgãos oficiais. E quando o interesse comum é identificado e adotado, no campo da agricultura e segurança alimentar, a FAO é chamada a pôr em prática ações e medidas em forma de programas e projetos, organização de eventos, negociação de acordos e tratados. Por exemplo, a FAO está sendo chamada para operacionalizar iniciativas de cooperação sul-sul, para levar boas

“ A CAMPANHA DE ERRADICAÇÃO DA MISÉRIA RECENTEMENTE LANÇADA, SE TIVER SUCESSO, POSSIBILITARÁ AO BRASIL DAR UM PASSO GIGANTESCO. A POBREZA É A MÃE DA FOME ”

práticas de uns países para outros. O Brasil está prestando assistência, com apoio da FAO, a alguns países na África. A China, a Índia e a Indonésia fazem o mesmo e a FAO atua como facilitadora. Os nossos técnicos e especialistas são chamados a intervir e isso produz bons resultados.

**8.** *A biotecnologia é um aliado na tentativa de aumentar a produção de alimentos. O Brasil tem investido nessa área?*

O governo teria melhores condições de responder com detalhes a essa pergunta. Tanto quanto sabemos, as instituições de pesquisa brasileiras querem a EMBRAPA, outros institutos de pesquisa e as universidades apostando em trabalhos no ramo da biotecnologia.

**9.** *Na recente crise na Somália, dados dão conta de que 29 mil crianças morreram de fome nos últimos três meses.*

*Existe alguma experiência obtida em outros países que possa ser usada na resolução deste problema?*

O mundo já passou por muitas situações graves de insegurança alimentar, mas cada uma tem as suas particularidades. A situação que se vive no Chifre da África, e particularmente na Somália, é dramática. Não tem comparação. A região vive a pior seca dos últimos sessenta anos, morrem crianças, mulheres e homens. Se nada for feito, 750 mil vidas podem ser perdidas em escassos quatro meses. É uma autêntica “chacina.” A situação desafia a nossa imaginação e coragem, e apela para uma resposta rápida e sólida. De imediato precisamos de intervenções simultâneas em duas direções. A primeira na linha da ajuda alimentar, evitando a perda de vidas a curto prazo, e a segunda assegurando o acesso a sementes, pequenos sistemas de irrigação e outros implementos que permitam a essas pessoas o restabelecimento do seu ciclo produtivo, a médio e longo prazo.



**Tudo em lubrificantes, graxas e filtros automotivos e industriais no atacado e varejo. Prestação de serviço em troca de óleo de veículos leves e pesados.**





# QUANDO É NECESSÁRIO IMPLANTAR UMA CEASA?

Por IVENS ROBERTO DE ARAÚJO MOURÃO\*

A implantação das primeiras Ceasas teve como prioridades os grandes centros urbanos, geralmente as capitais estaduais. A necessidade era flagrantemente óbvia, pois chegava a criar problemas urbanísticos com a comercialização ocorrendo nas ruas, atrapalhando o tráfego – para usar uma expressão de Chico Buarque.

Alguns desses entrepostos chegaram a ser instalados em cidades do interior com grande população. Semelhantemente às capitais, havia uma forte comercialização em áreas externas e sujeita às intempéries. A necessidade mostrava-se, também, com toda a evidência.

Ou seja, na implantação dos primeiros entrepostos o que se fazia era simples-

mente “mudar os mercados de endereço”: das ruas para os galpões da Ceasa.

O tratamento das informações das primeiras Centrais teve como consequência imediata o desenho do mapa da produção hortícola de todo o país. Identificaram-se mais de 80 regiões especializadas na produção de determinados produtos. O Sistema resolveu implantar estruturas simples, denominadas Mercado do Produtor, oferecendo equipamento de classificação, escritório de extensão rural, informação de preço dos principais mercados atacadistas, apoio à comercialização local e a distância, agências bancárias, fornecimento de embalagens plásticas e venda de sementes, mudas, adubos, defensivos e implementos agrícolas. A agregação desses

serviços possibilitou melhor preço de venda ao produtor.

Então as lideranças políticas, não percebendo a diferença das finalidades dos dois equipamentos (Ceasa e Mercado do Produtor), passaram a reivindicar Ceasas para as suas bases políticas.

Nos dias atuais, apesar de toda a experiência adquirida, ainda persistem os apelos por construções de Ceasas. Existem até políticas de governos que proclamam a “descentralização” das Ceasas, como se fosse possível criar tradições. Mercado é – essencialmente – tradição.

Quando pesquisamos o mercado de um aglomerado urbano, encontramos quatro situações em que apenas uma justifica-se a implantação de uma Ceasa. Vejamos:

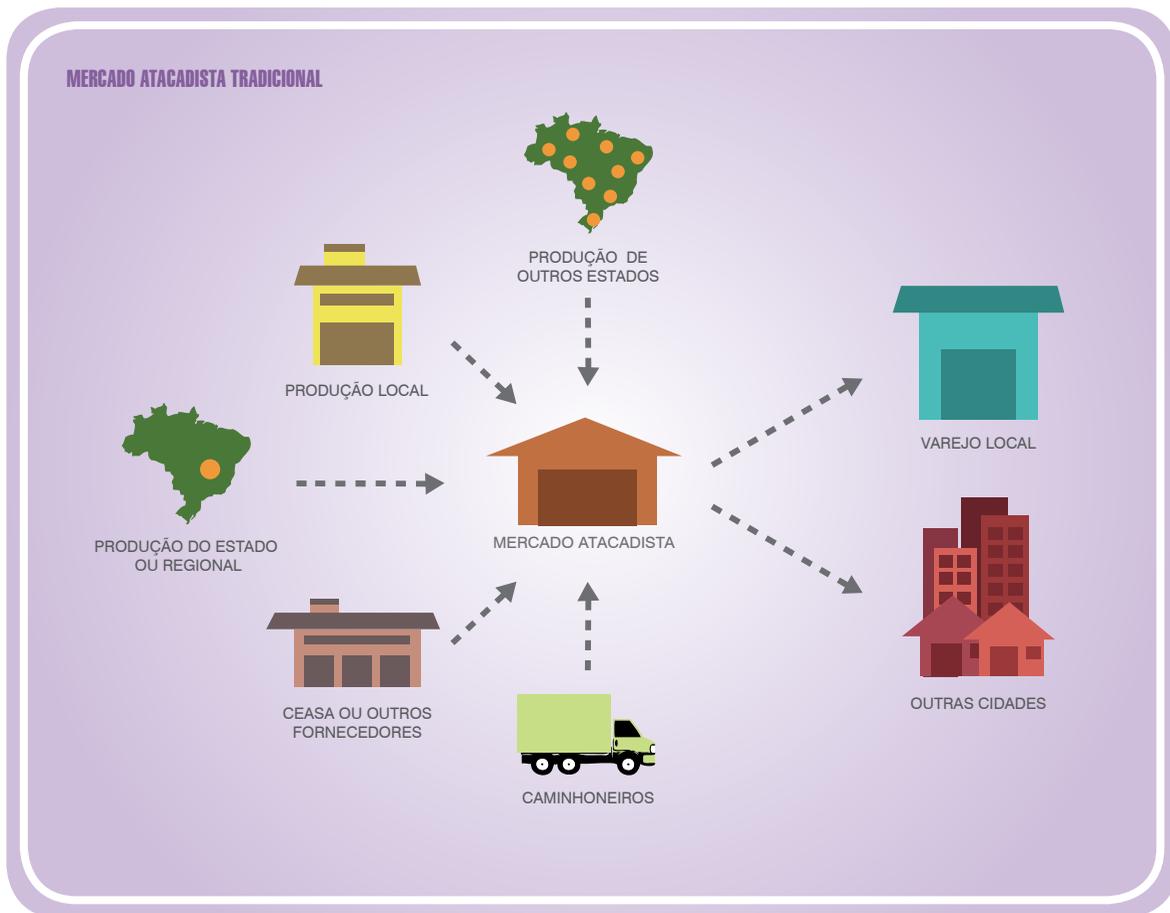
## MERCADO ATACADISTA FORTE

Podemos dizer que uma cidade dispõe de um mercado atacadista de hortigranjeiros tradicional se ocorre o que está mostrado na figura seguinte. É o típico exemplo de um mercado atacadista forte. A oferta dos produtos no atacado se processa num determinado local, geralmente nas madrugadas, em um ou dois dias da semana. Pode ser em torno de um mercado central ou num espaço amplo (um grande estacionamento ou um terreno livre), ou ocupando vias públicas. A esse espaço chegam veículos trazendo produtos diretamente da zona de produção, seja local, regional, estadual ou de outros estados. Também são ofertadas horticolas vindas diretamente de Ceasas ou de outros merca-

dos. Chegam caminhoneiros aventurando vendas, provenientes das zonas de produção ou de mercados.

Esse conjunto de ofertas formam o atacado que abastece o varejo local e outros agentes (mercados públicos, quitandas, sacolões, frutarias, feiras, supermercados, hospitais, quartéis, hotéis etc.) e também outras cidades que vêm se abastecer. Essas cidades vizinhas comparecem a esse local, mesmo desorganizado, porque existe a oferta de todos os produtos.

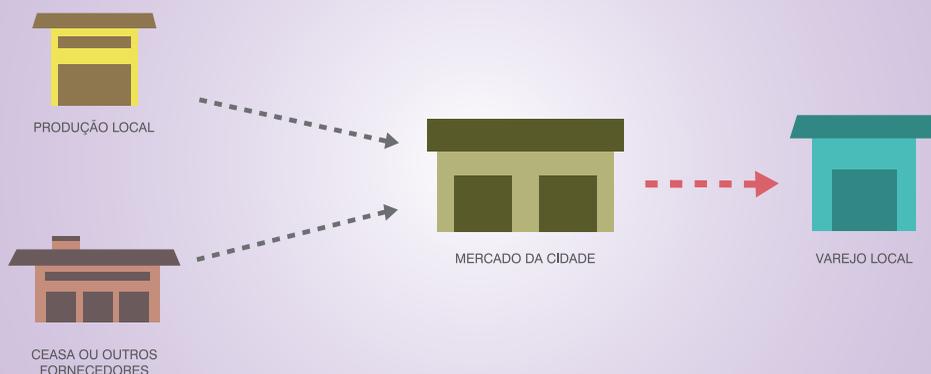
Geralmente a implantação de uma Ceasa é perfeitamente justificada, pois a Ceasa mais próxima deve estar bem distante (mais de 200 km).



## MERCADO ATACADISTA FRACO COM PRODUÇÃO FRACA

Outra hipótese é termos um mercado atacadista fraco numa região de pouca produção, conforme esquema a seguir. Chegam caminhoneiros com cargas fechadas para determinados comerciantes. É comum, nesses casos, o atacado ser praticado por um varejista de maior poder econômico. Ele compra, em outras praças, para si e para outros varejistas, conforme

*“encomendas”*. A produção local resume-se à hortaliça folha e a uma ou outra fruta sazonal. Geralmente a comercialização é baixa, não justificando a implantação de uma estrutura física. Também não ocorre o abastecimento de cidades vizinhas justamente por não existir sobra de oferta e a gama de todos os produtos. Todos preferem se abastecer na Ceasa, que deve estar a menos de 200 km.

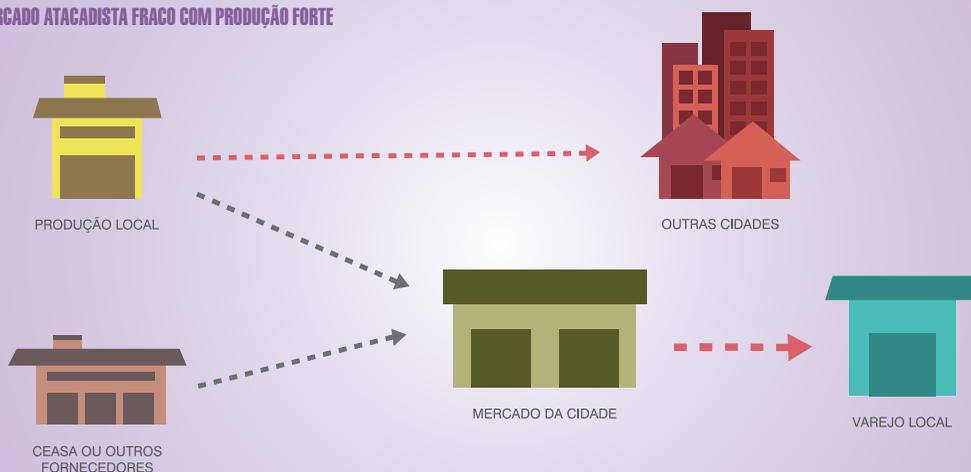
**MERCADO ATACADISTA FRACO COM PRODUÇÃO FRACA****❶ MERCADO ATACADISTA FRACO COM PRODUÇÃO FORTE**

Pode acontecer que uma região, como a descrita no item anterior, tenha forte produção, principalmente de frutas irrigadas. Pode ser, por exemplo, até mais de 100 mil toneladas/ano (que é um número expressivo) e ao longo do ano. No entanto, como a cidade não oferece toda a gama de produtos e, ela própria, não é um mercado consumidor forte, não se criam as condições descritas no item “*mercado atacadista forte*”.

Essa grande produção já buscou os seus mercados: Ceasas, supermercados, mercado externo etc. Somente uma pequena parcela atende ao baixo consumo local sendo produtos de menor qualidade. O “*medalha de ouro*” já saiu através de

contratos previamente estabelecidos.

Devido a essa grande produção, as lideranças locais imaginam que uma Ceasa fortalecerá ainda mais a sua produção. Ledo engano. De que adianta obrigar o produtor a deslocar-se poucos quilômetros, dar um “*tombo*” no produto, cruzar os braços e esperar um comprador que não vem? Aqueles com quem já tem contrato de entregas não virão nunca. O comprador local já recebe diretamente na sua loja ou vai apanhar na produção. E os compradores regionais preferem ir à Ceasa próxima, pois lá encontrarão todos os produtos de que necessitam para formar suas “*cargas mistas*”.

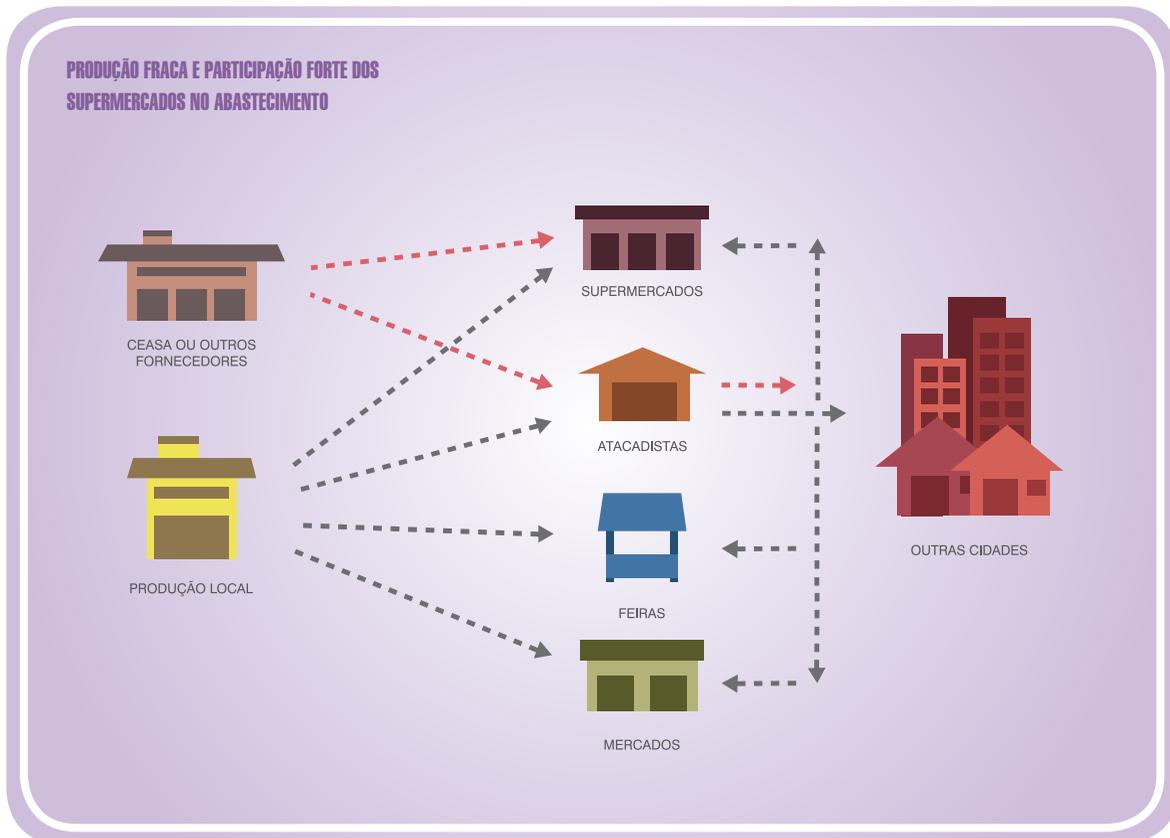
**MERCADO ATACADISTA FRACO COM PRODUÇÃO FORTE**

## PRODUÇÃO FRACA E PARTICIPAÇÃO FORTE DOS SUPERMERCADOS NO ABASTECIMENTO

Em cidades ou aglomerados urbanos de bom consumo e pouca produção, os supermercados passaram a ter uma importante ação no abastecimento dos hortícolas. Importam, para o abastecimento de suas lojas, carretas fechadas com cargas mistas adquiridas de

grandes atacadistas de Ceasas. Adquirem da produção local as hortaliças folhas e algumas frutas regionais e sazonais.

O esquema a seguir é o que mais se aproxima da realidade desses municípios.



Ou seja, a oferta da Ceasa ou outros fornecedores, no atacado, se processa diretamente no varejo (supermercados) ou em alguns atacadistas instalados na cidade. Geralmente são atacadistas especializados em determinado produto que complementam a oferta local e podem, também, atender a comerciantes de cidades imediatamente próximas.

A produção local ou regional está concentrada em hortaliças folhas e algumas frutas regionais e sazonais. Oferta, também, diretamente aos supermercados, atacadistas, feiras livres e mercados. Somente os supermercados oferecem todos os produtos, enquanto os outros equipamentos de varejo apenas o “não importado”.

Então, concluindo: uma Ceasa é viável se existe – mesmo desorganizado – um forte mercado atacadista com tradição expedidora. Quando essa região é também produtora temos a situação mais favorável: (consumo + expedição) + produção, nessa ordem.

E para as três outras hipóteses de mercado, anteriormente descritas, nada deve ser feito? Em absoluto. Uma Ceasa é constituída de duas grandes vertentes: infraestrutura e inteligência. Nesses casos, implanta-se ou o Barracão do Produtor – notável experiência da Ceasa Minas – ou a Ceasa de Inteligência, ou ambos. Em um próximo artigo falaremos sobre essa “Inteligência”.

\* Engenheiro Civil e especialista em implantação de entrepostos atacadistas.



# FEIRA COBERTA MOVIMENTA CEASA DE PAULO AFONSO

POR CARLOS DUSSE

Quem conhece a cidade de Paulo Afonso, na Bahia, certamente já visitou a Feira Grande. Em momentos de pico, cerca de 30 mil pessoas passam pelo local. Mas para muitos moradores do município a feira é um motivo de problema. Ela interrompe o trânsito na Avenida da Maçonaria, uma das principais da cidade, nos dias em que

funciona. Além disso, a feira fica a céu aberto, o que gera desconforto.

Para resolver esses e outros problemas, a Secretaria de Serviço Público está terminando de construir uma feira coberta em uma área da Central de Abastecimento. O local fica no centro da cidade, a cerca de 15 quilômetros do entreposto. A nova feira vai funcionar sete dias por semana, sendo

que a antiga funcionava em três. “Isso vai refletir na Ceasa. Os atacadistas vão ter que passar mais tempo aqui. Hoje eles só ficam na cidade de terça até quinta-feira. A feira funcionará sete dias por semana e vai fortalecer a economia da cidade”, diz Raimundo Fernandes da Silva, diretor da Ceasa Paulo Afonso. Hoje em dia, a Central de Abastecimento recebe de



Divulgação Ceasa Paulo Afonso



Divulgação Ceasa Paulo Afonso

Finalização das obras da Feira coberta de Paulo Afonso

700 a 900 toneladas de alimentos por semana. A expectativa é que, após a inauguração da feira coberta, esse valor suba para 1.200 toneladas.

Além de aumentar a renda do município com o crescimento das vendas de produtos, haverá mais lucro com a geração de empregos. De acordo com Raimundo Fernandes, o comércio passará a ter aproximadamente 1.700 empregos diretos.

No último mês de agosto, o secretário executivo da Abracen, José Amaro, esteve em Paulo Afonso para conhecer o espaço. Segundo ele, “esta é a mais moderna e mais bonita feira livre coberta do Brasil. É sem dúvida um espaço com o que há de mais atual no setor de comercialização de produtos alimentícios e diversos no país”.

A obra na feira coberta já está concluída, mas ainda estão sendo feitas as montagens das lojas. A previsão é que tudo esteja pronto até outubro, quando está prevista a inauguração. O local tem três pisos com 520 lojas de quatro metros quadrados cada, além de oito lanchonetes com seis metros quadrados. Serão vendidos produtos

diversos (desde amendoim até ferragens), além de grande quantidade de hortifrutigranjeiros.

O espaço tem ainda uma área para carga e descarga de mercadorias. Apesar de ter as laterais abertas, a nova feira dispõe de um sistema de isolamento térmico e acústico. Conta ainda com água tratada e sanitários com acabamento em mármore. Para facilitar o acesso de deficientes físicos foram instaladas rampas. O custo total da obra foi de R\$ 4.400.000,00 e foi financiada pela prefeitura de Paulo Afonso.

#### 📍 FEIRA COBERTA NÃO É A ÚNICA DA CIDADE

Apesar de ser a maior de Paulo Afonso, a feira coberta não é a única. Existem pelo menos outras três que revendem produtos comprados na Ceasa e fazem a alegria de turistas e, principalmente, dos moradores da cidade. Uma delas é a “feirinha”, situada no centro do município. Apesar do diminutivo ela tem mais de 350 barracas, onde podem ser encontrados diversos produtos, entre eles hortifrutis, cereais, carne de boi, carneiro,

bode, peixe e frango. Ela funciona há pelo menos 40 anos.

Outra feira de rua que movimentava Paulo Afonso é a que ocorre em frente ao entreposto da Ceasa, no Bairro Cardeal Alves Brandão Vilela. Os hortifrutis comprados na Central de Abastecimento são revendidos em muitas das 400 barracas que integram a feira. Ela funciona aos domingos e vende ainda cereais, flores, roupas, dentre outros tipos de produtos.

Uma terceira opção de compras e lazer bastante conhecida é a “Ceasinha”, localizada no centro de Paulo Afonso. Apesar de ser pequena (tem aproximadamente 15 barracas) ela funciona de segunda a sábado. Lá são vendidos apenas hortifrutigranjeiros.

A Ceasa de Paulo Afonso atende aproximadamente 1 milhão de pessoas. O principal motivo para o grande número de beneficiados pelos produtos da Central de Abastecimento é a localização estratégica. Paulo Afonso está na divisa da Bahia com Sergipe, Pernambuco e Alagoas e a média de vendas por mês gira em torno de 3 mil toneladas.



# NA PRÁTICA:

## VOÇÊ SABE O QUE AS CEASAS TÊM FEITO PELO MEIO AMBIENTE?

Por DOUGLAS VIVAS

A partir da Revolução Industrial, iniciada nos séculos XVIII e XIX, o mundo passou a produzir de uma forma diferente. As grandes máquinas e os novos produtos foram conseguidos a um custo muito alto: derrubada de árvores, poluição do ar pela fumaça das chaminés, contaminação do solo e das águas com o despejo de lixo industrial e doméstico.

Hoje, percebemos uma nova revolução, mas nos conceitos organizacionais e a preocupação com a produção sustentável. Grandes organizações de todo o mundo entenderam que não podem mais atuar trazendo prejuízos ao meio ambiente. “Estamos na era da sustentabilidade! Hoje em dia, nenhuma empresa pode deixar passarem despercebidos os impactos que suas operações causam ao meio ambiente”, afirma o gestor ambiental Fábio Assis, à frente da Coordenação de Meio Ambiente das Centrais de Abastecimento de Minas Gerais.

Tendo em vista esse princípio, as Ceasas do Brasil, como organizações que são, estão ajustando suas práticas às necessidades desse novo cenário e desenvolvendo projetos de compensação ambiental. Segundo o presidente da CeasaMinas e da Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento

(Abracen), João Alberto Paixão Lages, é fundamental para estas empresas, cuja missão é o abastecimento alimentar da sociedade, preocupar-se com o meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável. “Nossa causa é a alimentação dos indivíduos. Precisamos desenvolver e apoiar um trabalho sustentável e amenizar os impactos inevitáveis que causamos ao local onde nos instalamos”, declara.

A CeasaMinas, por meio da Coordenação de Meio Ambiente e departamentos de Zeladoria e de Engenharia, investe na preservação ambiental cerca de R\$ 160 mil ao ano, destinados à recuperação e manutenção de nascentes, córregos, solo e vegetação que estão nas propriedades dos seis entrepostos administrados por ela.

O foco das Centrais mineiras, conforme aponta o gestor ambiental Fábio Assis, são trabalhos de compensação ambiental. “Esses trabalhos consistem na recuperação e manutenção de áreas de mata, cuja preservação compensa ações danosas das empresas”, explica. Segundo ele, a Unidade de Preservação Ambiental da Central de Contagem é o mais importante projeto da organização nesse sentido. Do total de 2.286 milhões de m<sup>2</sup> de área do entreposto de Contagem, 170 mil m<sup>2</sup> pertencem à

Unidade de Preservação, em que vivem animais de pequeno porte e existem três nascentes de água, afluentes da lagoa da Pampulha. Segundo a Coordenação de Meio Ambiente, tanto a mata quanto os animais e as nascentes da Unidade são preservados.

Outro projeto da estatal é o Viveiro de Mudas, pelo qual são feitas a adubação e o plantio de mudas de árvores no entreposto de Contagem. São mudas de quaresmeira, aroeira vermelha, ingá, sangra-d'água, ipê, pitangueira, jatobá, entre outras nativas do Cerrado e da Mata Atlântica brasileira, que, após adequação, são destinadas ao plantio. “Recebemos cerca de cinco mil mudas da Cemig em 2010”, conta o jardineiro José Rodrigues, que afirma ser muito gratificante trabalhar no projeto. “De quatro anos para cá, trabalho com plantas. O serviço é muito gratificante, já que isso é saúde para nós. Ver uma vida crescer é muito bom!”, diz.

O projeto de Catalogação e Inventário Florístico das plantas da Central de Contagem também faz parte das ações de responsabilidade ambiental da CeasaMinas. Nele constam informações sobre a situação fitossanitária (saúde), localização, estatura, idade e últimas podagens das plantas. Esse trabalho, feito no ano de 2010, será atualizado de cinco



Foto Douglas Vans

em cinco anos. Sua importância, conta Fábio Assis, reside na documentação e valorização de todos os tipos de plantas do local. “Através desse inventário, quem danificar o meio ambiente fica mais propenso a multas, já que isso caracteriza um crime ambiental, conforme Lei Federal Nº 9.605 de 12/2/1998”, aponta.

A Ceasa desenvolve ainda um trabalho de combate ao despejo clandestino de lixo em suas propriedades. “Comunidades do entorno costumam despejar material proveniente de construção em nossas áreas, mas não é permitido. Estamos nos esforçando para educar a população e acabar com isso”, disse o gestor ambiental.

Existe também um esforço para atualizar e melhorar os Projetos de Esgoto e Incêndio de todos os entrepostos mineiros, que consiste na padronização e adequação dessas instalações em postos de gasolina, restaurantes, lanchonetes, lava-jatos e demais lojas. De acordo com o Departamento de Engenharia da CeasaMinas, os Projetos de Esgoto e Incêndio são da década de 1970, precisando de reformulações.

#### **CEASA PARANAENSE CONFIRMA ESSE NOVO CENÁRIO**

A Ceasa Paraná também segue no caminho da sustentabilidade. A Central de Abastecimento paranaense divulgou, em 2010, a Política Ambiental da empresa, na qual reconhece os



impactos das ações de seus permissionários no ambiente. No documento, a Ceasa se compromete a buscar soluções sustentáveis para todos os trabalhos desenvolvidos em seus limites, atendendo à legislação ambiental.

Segundo o presidente da Ceasa paranaense, Luiz Dâmaso Gusi, essa política prevê a adequação dos objetivos gerais da organização às premissas de sustentabilidade. Para isso, conta Gusi, estão sendo adotados critérios ambientais para todas as ações nos entrepostos, inclusive, na construção de lojas e galpões que estão incluídos no projeto de modernização das unidades de Curitiba, Londrina, Maringá, Cascavel e Foz do Iguaçu. Estão sendo traçadas também, ações de prevenção à poluição, redução de resíduos e incentivos ao reúso e à reciclagem de embalagens. A política prevê ainda a adequação e educação ambiental dos permissionários, produtores rurais e comunidades vizinhas dos entrepostos paranaenses.

Outra preocupação, já antiga, da Ceasa Paraná são os resíduos sólidos gerados em suas dependências. No ano de 2006, a Central apresentou seu primeiro Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos para a unidade de Curitiba. Segundo Gusi, o objetivo do

plano é fomentar a prática da gestão ambiental junto aos seus permissionários, inclusive com a implantação da coleta seletiva.

Em abril de 2010 o plano foi atualizado, já contemplando alguns princípios da Política Nacional de Resíduos Sólidos, embora esta tenha sido sancionada apenas em agosto de 2010, através da Lei Nº 12.305. Segundo a gerente da Divisão Técnica da Central, Clarice Santos Maciel, o novo plano prevê que os resíduos orgânicos deixem de ser destinados gradualmente ao aterro sanitário. “Em sintonia com esses princípios (de sustentabilidade), está a tentativa de diminuição dos percentuais anuais de destinação dos resíduos orgânicos, de forma que até 2014 estes resíduos não mais sejam dispostos em aterros sanitários”, aponta.

Segundo ela, esse plano é importante porque os resíduos gerados nas Ceasas paranaenses correspondem a três quilos *per capita*. É como se cada usuário dos entrepostos produzisse três quilos de resíduos diariamente. Esse volume corresponde aos resíduos gerados pela população de uma megalópole de aproximadamente cinco milhões de habitantes. Para Clarice, esse montante se dá pela falta de cuidado no manuseio dos produtos no campo, pelo uso

não adequado de embalagens e pelo transporte em caminhões sem sistema de refrigeração, que deteriora os produtos mesmo antes de chegarem às centrais de abastecimento. Aliado a esses fatores, está o descuido com os produtos nos entrepostos. “A Ceasa Paraná tem se esforçado no combate ao desperdício e tem incentivado a reutilização e o reaproveitamento dos materiais potencialmente recicláveis. Esses são princípios preconizados pelo plano, possibilitando a revisão dos padrões de produção e consumo para a adoção de novos referenciais de sustentabilidade socioambiental”, afirma a gerente.

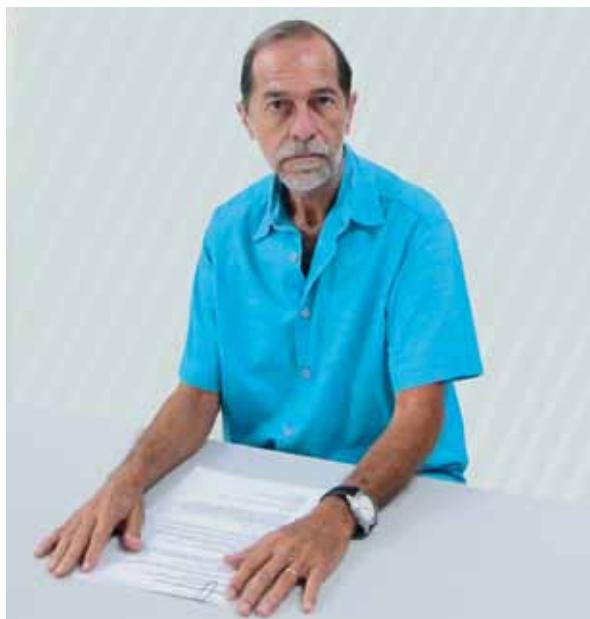
Como forma de diminuir o descarte de materiais que poderiam ser reciclados, a Ceasa Paraná mantém ainda, desde 2004, parceria com os catadores de materiais recicláveis. De acordo com Clarice, a unidade de Curitiba disponibiliza, além de espaço para instalação da Associação de Catadores, Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e um profissional para acompanhamento das tarefas administrativas do grupo. “Tais iniciativas visam à melhoria da qualidade de vida dos catadores com a geração de trabalho e renda, minimizam a quantidade de resíduos a serem destinadas e ampliam a vida útil dos aterros sanitários”.



# O elo entre o campo e a sua mesa.

Especializado em fornecimento de hortifrutigrangeiros e cereais,  
para órgãos municipais, estaduais e federais.





# LABORATÓRIO DE CONHECIMENTO

A partir de 1990 as organizações têm-se empenhado e investido em áreas de Gestão de Pessoas; o principal motivo é melhorar a qualidade do serviço, gerando um trabalho final com qualidade e menor rotatividade de colaboradores.

O setor de abastecimento não somente consegue ser específico em serviços, como também no gerenciamento de seus funcionários. Enquanto muitos diretores sonham com seus colaboradores vestindo a camisa da

empresa e crescendo junto as centrais de abastecimento conseguem ter este diferencial. As centrais possuem colaboradores ativos em suas funções desde sua criação.

Para o chefe do Departamento de Recursos Humanos da CeasaMinas, Luciano Ferreira Ribeiro, “o que contribui para a permanência dos empregados por mais de 30 ou 40 anos é o fato de terem encontrado uma empresa com futuro promissor, atividades desafiadoras que os motivavam, além de ser uma organização que

estava inovando o conceito de distribuição de produtos hortigranjeiros”.

Histórias surpreendentes de dedicação e paixão pelo setor estarão presentes nas próximas edições da revista. Empregados que acreditaram na ascensão profissional e no potencial de crescimento da empresa. Na estreia desta coluna conversamos com Artur César Nogueira. Ele está na Ceasa Alagoas desde sua criação, e atualmente no cargo de Assessor do Ideral- Instituto de Desenvolvimento Rural e Abastecimento – Ceasa AL.

## 1. Por quais departamentos o senhor passou?

Fui Chefe do SIMA – Serviço de Informação de Mercado Agrícola por mais de 15 anos. Depois, Diretor Técnico da Ceasa Alagoas por duas oportunidades e atuei por seis meses como diretor presidente da Ceasa Alagoas. Fui Diretor da Abracen para a região Nordeste, Membro e Consultor da ACENAR – Consultoria em Estudos e Modernização e Revitalização de Feiras Livres e Mercados Municipais de Maceió. Diretor do Mercado Municipal de São Miguel dos Campos de janeiro de 1997 a 2000, no estado de Alagoas. Atualmente sou assessor do Ideral – Instituto de Desenvolvimento Rural e Abastecimento – Ceasa/AL, responsável pela Seção Técnica e Informação da Ceasa Alagoas. Realizei atividades como a participação do Workshop sobre o Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro e visitas técnicas às principais Ceasas do Brasil. Tenho alguns trabalhos publicados sobre o tema da comercialização de hortigranjeiros.

## 2. O que proporcionou a sua permanência até hoje?

Em primeiro lugar, a minha dedicação ao longo dos anos citados acima é também o total apoio de todas as diretorias que passaram

pela Ceasa, haja vista, termos exercido quase todos os cargos da direção de uma Ceasa. Além disso, iniciamos nossas atividades com o abastecimento na Ceasa em 1974, quando éramos estudantes de economia e a Ceasa ainda não tinha sido inaugurada. Somos fundadores da Ceasa/AL, do tempo da extraordinária COBAL (Companhia Brasileira de Abastecimento). Hoje temos absoluta certeza de que estamos bem melhores do que quando iniciamos nossas atividades na Ceasa e, durante esses anos procuramos estar em dia com o que existe de mais moderno no abastecimento brasileiro.

## 3. Quais foram os desafios?

Os nossos maiores desafios foram as inúmeras mudanças que ocorreram nos últimos anos em nossa diretoria e que, de certo modo, prejudicam os trabalhos de uma Ceasa.

## 4. Fale dos principais processos que você acompanhou ou ajudou a construir.

De um modo geral, participamos de praticamente todos os processos, principalmente os de ordem técnica, que foram desenvolvidos pela Ceasa AL.



Alguns deles foram a implantação da primeira feira livre nos bairros de Maceió, onde conseguimos levar os produtos da Ceasa para os bairros. As bancas eram padronizadas e com produtos de primeira qualidade; a interiorização nos municípios alagoanos de União dos Palmares, Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema, por exemplo; a criação da cartilha de instrução para os orientadores de mercado e seguranças; a implantação de uma máquina de beneficiar laranja na central, além de ações como palestras para os produtores alagoanos sobre o processo de comercialização dos produtos hortigranjeiros. Entre os citados todos são importantes, porém, o de maior destaque sempre é o “Mercado”, o qual necessita de nossa presença diariamente.

**5. Você considera que a Ceasa, por ser uma empresa com atividades bem específicas, influencia a permanência de profissionais?**

Acredito que seja, porque todas as atividades de uma central de abastecimento, a nosso ver, são apaixonantes. Principalmente o início de sua implantação, que foi um acontecimento extraordinário, no nosso estado. Tive a oportunidade de vivenciar tudo isso. A Ceasa AL iniciou suas atividades em 1976 e na época diziamos: “A Ceasa implantou uma nova condição alimentar para os alagoanos”.

Nestes últimos anos, apesar de todos os problemas enfrentados pelas Ceasas, como por exemplo, estruturas defasadas e corpo técnico em grande parte encerrando suas carreiras, as Ceasas

representam um dos maiores marcos do abastecimento brasileiro. Temos o maior “Banco de Dados” do setor hortigranjeiro do país e somos profissionais com capacidade de orientar o produtor em diversos pontos.

**6. Na sua opinião, o que melhorou durante esses anos e o que deve ser feito para incentivar a permanência dos novos concursados? O senhor acredita que a implantação de um plano de carreira é um dos caminhos?**

Como temos Ceasas em praticamente todas as capitais brasileiras, tenho absoluta certeza de que cada capital tem a sua história para contar referente a sua implantação. Aqui em Alagoas seria impossível citar inúmeros benefícios que a Ceasa proporcionou aos alagoanos.

Com relação aos novos concursados, pela nossa experiência, aconselho que não façam um concurso somente por fazer. Primeiro, procurem saber no que consistem as atividades de uma central. O incentivo depende única e exclusivamente dele. Se interessar, será ótimo, pois trabalho é o que não falta em uma Ceasa, principalmente no horário compreendido entre 23 horas e 6 horas da manhã.

Acredito também que realmente é necessário ter um plano de carreira, pois em breve não teremos mais funcionários para desenvolver os trabalhos necessários. Para se ter êxito é preciso, experiência.

# Líder em eficiência e qualidade na importação e comercialização de alho.



Tel: 21 2429-1406 • [www.lecargo.com.br](http://www.lecargo.com.br)  
Av. Brasil, 19.001, Irajá, Rio de Janeiro - RJ | Pavilhão 14 Box 21





## AÇÃO DECLARATÓRIA DE CONSTITUCIONALIDADE Nº 16:

# REPERCUSSÕES E POSSIBILIDADES

ANDRÉ CAIXETA COLEN\*

**A**ntes de adentrarmos nas questões referentes ao tema, cabe ressaltar que o presente artigo não pretende esgotar todo o assunto, que vai muito além das simples colocações aqui apostas. Tentarei ser o mais claro e simples na colocação do problema e na proposição dos questionamentos, uma vez que ele apenas tem o condão de abrir a discussão relevante e que afeta a vida não só dos administradores públicos, mas de inúmeros trabalhadores e de incontáveis famílias que hoje laboram no regime da terceirização de serviços.

Recentemente o Supremo Tribunal Federal julgou a Ação Declaratória de Constitucionalidade nº 16 referente à norma do artigo 71, §1º da lei 8.666/93, sendo certo que tal julgamento teve reflexos diretos nas relações existentes entre tomadoras de serviços, empresas terceirizadas e os empregados destas. Dispõe a citada norma o seguinte:

*“Art. 71. O contratado é responsável pelos encargos trabalhistas, previdenciários, fiscais e comerciais resultantes da execução do contrato.*

*§1º A inadimplência do contratado, com referência aos encargos trabalhistas, fiscais e comerciais não transfere à Administração Pública a responsabilidade por seu pagamento, nem poderá onerar o objeto do contrato ou restringir a regularização e o uso das obras e edificações, inclusive perante o registro de imóveis.”*

Neste julgamento o Supremo Tribunal Federal entendeu que a norma em questão é constitucional e, portanto, a inadimplência do contratado com os encargos trabalhistas não são transferíveis à Administração Pública. Alguns se perguntariam: que significa efetivamente tal decisão? Qual a sua importância no contexto do abastecimento?

Tentando responder de forma simples e clara à primeira pergunta, temos que se a Administração Pública contrata deter-

minada empresa para a terceirização de mão de obra, não pode ser condenada, em eventual processo judicial, de forma automática, pela quitação de direitos trabalhistas dos empregados terceirizados, ou seja, a partir da decisão do Supremo não mais pode a Administração Pública ser responsabilizada objetivamente pelos direitos dos empregados terceirizados.

Tomemos, por exemplo, a contratação de empresa de vigilância. Caso esta venha, por razões diversas, a deixar de cumprir com suas obrigações trabalhistas (pagamento de salários, recolhimento de FGTS, dentre outros) o empregado da empresa terceirizada deverá demandar na justiça do trabalho contra o empregador e a Administração Pública. Nesta situação, deverá restar provado no processo culpa da Administração na gestão ou na contratação da empresa, cabendo ao órgão julgador trabalhista (juiz ou tribunal) definir e fundamentar a responsabilidade atribuída ao ente contratante (atribuída e não transferida, uma vez que este ainda poderá e deverá se ressarcir junto à contratada, no mesmo ou em outro processo) e o pagamento das eventuais verbas trabalhistas a que tenha direito à Administração.

Até o julgamento da citada Ação Direta de Constitucionalidade, o entendimento do TST (Tribunal Superior do Trabalho) era no sentido de que o eventual inadimplemento das verbas trabalhistas por parte do empregador implicava em responsabilidade subsidiária e objetiva segundo os termos da súmula 331, IV, bastando que a Administração Pública figurasse como Reclamada (Ré). Assim dispunha a súmula:

*“IV: O inadimplemento das obrigações trabalhistas, por parte do empregador, implica a responsabilidade subsidiária do tomador dos serviços, quanto àquelas obrigações, inclusive quanto aos órgãos da administração direta, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista, desde que hajam participado da relação processual e constem também do título executivo judicial (art. 71 da Lei 8666, de 21.6.1993).”*

A súmula em questão, *grosso modo*, determinava que o empregador, em eventual demanda trabalhista, fosse eventualmente condenado a pagar determinadas verbas, caso a Administração Pública figurasse também como Reclamada (Ré) no processo, constatando-se que o empregador era inadimplente, caberia à Administração fazê-lo.

De outro turno, algumas decisões dispunham que a Administração Pública era condenada por culpa *in vigilando* e/ou *in eligendo*. Fala-se em culpa *in eligendo* quando decorre da má escolha de uma pessoa e a culpa *in vigilando* da falta de atenção com o procedimento de um terceiro. Vale destacar que a culpa na escolha quase sempre foi bem combatida nos tribunais, já que a Administração somente pode contratar mediante procedimento licitatório e obedecidos os critérios da lei, logo, não poderia haver culpa na escolha de algo que foi selecionado obedecidos os critérios legais. Contudo, no que diz respeito a culpa na fiscalização (*in vigilando*) dos trabalhos efetuados pela terceirizada a Administração era, de forma recorrente, condenada ao pagamento das verbas trabalhistas nos termos da súmula 331, IV do TST (Tribunal Superior do Trabalho).

Após o julgamento proferido pelo Supremo, o TST (Tribunal Superior do Trabalho) editou nova redação para a súmula 331, assim dispendo:

*“IV - O inadimplemento das obrigações trabalhistas, por parte do empregador, implica a responsabilidade subsidiária do tomador dos serviços quanto àquelas obrigações, desde que haja participado da relação processual e conste também do título executivo judicial.*

*V - Os entes integrantes da Administração Pública direta e indireta respondem subsidiariamente, nas mesmas condições do item IV, caso evidenciada a sua conduta culposa no cumprimento das obrigações da Lei n.º 8.666, de 21.6.1993, especialmente na fiscalização do cumprimento das obrigações contratuais e legais da prestadora de serviço como empregadora. A aludida responsabilidade não decorre de mero inadimplemento das obrigações trabalhistas assumidas pela empresa regularmente contratada.*

*VI - A responsabilidade subsidiária do tomador de serviços abrange todas as verbas decorrentes da condenação referentes ao período da prestação laboral.”*

Como se percebe, a Administração Pública agora somente pode ser responsabilizada “caso evidenciada conduta culposa no cumprimento das obrigações da Lei n.º 8.666/93, especialmente evidenciada na fiscalização do cumprimento das obrigações contratuais e legais da prestadora de serviço como empregadora”.





Vale dizer que a Administração Pública somente poderá ser condenada a quitar as obrigações devidas pelo empregador no caso de COMPROVADO descumprimento da Lei 8.666/93 e desde que tenha figurado como Reclamada (Ré) no processo trabalhista.

Tome-se outro exemplo: caso a Administração Pública não fiscalize a empresa no que tange à regularidade fiscal, incorrerá em culpa e, portanto, poderá eventualmente ser condenada a pagar as dívidas trabalhistas dos empregados terceirizados que laboraram na entidade. Ao se falar em regularidade fiscal, reporta-se à verificação que se realiza nas empresas terceirizadas para saber se possuem as certidões negativas exigidas pela lei, dentre elas a certidão negativa de FGTS e a certidão da Previdência Social.

Pode-se até especular que mesmo a culpa *in eligendo*, em que pese ao procedimento de licitação, possa também ser alvo, nos termos da nova súmula, da condenação da Administração.

Imagine-se a necessidade de um edital de terceirização de serviços de vigilância, em que os empregados trabalham em sistemas de doze horas de serviço para trinta e seis horas de descanso. Segundo majoritária jurisprudência dos tribunais brasileiros, estes trabalhadores têm o direito de intervalo de intrajornada (almoço ou jantar) de 1 (uma) hora, caso contrário este período será contabilizado como hora extraordinária.

Suponha-se então que determinado edital estabeleça o

regime de jornada a ser realizado e que não disponha de contingente necessário para realizar o rendimento dos funcionários para o gozo do intervalo. Ora, neste caso hipotético podem os tribunais entender que a Administração culposamente deixou de cumprir a Lei 8.666/93, pois ao elaborar o edital não foram tomadas as devidas precauções, não constando os gastos nas planilhas de orçamento, bem como na previsão dos recursos orçamentários (artigo 7º, §2º, incisos II e III da lei 8.666/93) para o funcionário que faria o rendimento dos demais a fim de que estes usufruíssem o direito de intervalo intrajornada, sabendo-se que “este constitui medida de higiene, saúde e segurança no trabalho, garantido por norma de ordem pública”, nos termos da Orientação Jurisprudencial n.º 342 da SBDI-1 do TST.

Como se percebe, apenas hipoteticamente falando, os tribunais poderiam EVENTUALMENTE atribuir a responsabilidade à Administração, já que houve “(...) conduta culposa no cumprimento das obrigações da Lei n.º 8.666/93(...)”.

Não é difícil elucubrar que futuramente os tribunais comecem a exigir a apresentação do certame licitatório para a escolha de empresas terceirizadas, com o intuito de verificar se as normas da lei de licitação foram devidamente cumpridas, com vistas à verificação de responsabilidade da Administração Pública. Possivelmente não bastará aos causídicos da Administração Pública apresentar somente o contrato de prestação de serviços, como é da praxe na justiça do trabalho.

Tem-se ainda o segundo questionamento: Qual a sua importância no contexto do abastecimento?

A resposta deste questionamento é, ao menos superficialmente, mais simples de responder. Segundo o que consta no diagnóstico dos mercados atacadistas de

hortigranjeiros, realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), quase a totalidade das centrais de abastecimento alimentar são geridas pela União, estados ou municípios. Portanto, estão todas inextricavelmente ligadas aos

designios da Lei 8.666/93, sendo certo que

a terceirização de mão de obra, em maior ou menor quantidade, é uma realidade inarredável dessas entidades.

Como se vê, os gestores públicos dos entrepostos foram afetados diretamente pela decisão. Fique claro que, sob a ótica da Administração Pública, a decisão do STF dificul-

**INSS**  
**FGTS**  
**TST**



tou a responsabilização pelo passivo trabalhista de empresas terceirizadas. Contudo, sob a ótica social, a decisão do Supremo Tribunal Federal representou uma fragilização ainda maior dos direitos do trabalhador.

Ouse-se especular que talvez a decisão do Supremo, em longo prazo, servirá como a pedra tumular, selando de vez a vedação da terceirização na Administração Pública, pois as dificuldades impostas para responsabilização trabalhista do Estado, nestes casos, gerarão uma tensão insuportável nas relações sociais, ao se verificar que pais e mães de família não terão seus direitos satisfeitos na via judicial. Todavia, noutro giro, talvez nada mude ou até mesmo se aumente o nível de terceirização na Administração.

Mas ficam os questionamentos: A tensão social que pode advir da decisão do STF possuirá o condão de

gerar tantos dissabores que a política da terceirização na Administração Pública deva ser revista? De outro turno, pode a decisão do Supremo estimular ainda mais o processo de terceirização na Administração Pública na medida em que a responsabilização do Estado se apresenta mais difícil? Em que pese à legalidade da decisão do STF, reside moralidade em dificultar ao trabalhador receber seus direitos junto à Administração por serviços efetivamente prestados?

Ficam aqui os questionamentos e apontamentos, repensando-se que o presente texto tem apenas o condão de lançar de forma preliminar e superficial as repercussões da decisão proferida pelo STF.

\*André Caixeta Colen é advogado da CeasaMinas  
andreaixeta@ceasaminas.com.br



# AS BRASILEIRINHAS MAIS NUTRITIVAS DO CERRADO

SAIBA A IMPORTÂNCIA DE CONHECER, UTILIZAR E DIVULGAR OS FRUTOS DO CERRADO, RICOS EM POTENCIAL NUTRITIVO

POR ALESSANDRO CONEGUNDES

**C**ambaru, araticum, buriti, pequi, macaúba, esses nomes lhe parecem familiares? Nutritivas, algumas destas frutas são desconhecidas dos brasileiros, assim como algumas delas têm nomes incomuns. Outras já são famosas e facilmente reconhecidas pelo consumidor, seja por seus usos culinários, ou por suas aplicações medicinais. E o que todas essas frutas têm em comum? É que são do Cerrado e têm grandes contribuições à nutrição e alimentação do brasileiro.

Para Eduardo Valério de Barros Vilas Boas, coordenador de Pós-Graduação Stricto Senso em Ciência dos Alimentos e coordenador do projeto “Caracterização e agregação de valores aos frutos do Cerrado”, o segundo maior bioma do Brasil que reúne ampla biodiversidade é o Cerrado. Várias espécies vegetais encontradas no Cerrado produzem frutos comestíveis, embora pouco conhecidos pela maioria da população. Em função da diversidade, é difícil generalizar, mas os frutos do Cerrado são, normalmente, ricos em nutrientes e compostos funcionais.

Os frutos do Cerrado têm sido alvo de investigações científicas, nos últimos 10 anos, no Departamento de Ciência dos

Alimentos da Universidade Federal de Lavras, num grande projeto financiado pela FAPEMIG, CNPq e CAPES, intitulado “Caracterização e agregação de valores aos frutos do Cerrado”. O estudo envolve alunos de graduação, mestrado, doutorado e pesquisadores de pós-doutorado.

Os frutos mais estudados pelo departamento são o pequi, marolo, saborosa (pitaia do cerrado), mangaba, gabiroba, araçá e cajuzinho. Estudos com bacaba, marmelada-de-cachorro e puçá preto e amarelo estão em andamento. Todos eles são excelentes fontes de vitaminas, em especial, vitamina C, vitaminas do complexo B e vitamina A (beta-caroteno), minerais e fibras.

Para o professor Eduardo, muitas frutas do Cerrado são estranhas para grande parte da população. Isso acontece porque a diversidade cultural e étnica, como a grande extensão territorial, conspiram para que os frutos do Cerrado não sejam bem conhecidos. Por exemplo: o pequi, historicamente, faz parte da culinária do Norte de Minas e de Goiás, enquanto ele é praticamente desconhecido em outras regiões de Minas e outros estados do país.



E o pequi é um exemplo de ótima fonte de vitamina C, mesmo cozido, concentrando cerca de duas vezes mais vitamina C do que a maioria dos citros, como laranja, tangerina e mexerica. Embora as frutas não sejam, em geral, consideradas fontes de proteínas, o pequi se diferencia, por conter mais proteínas do que a maioria delas.

O óleo do pequi apresenta um perfil de ácidos graxos que o assemelha ao azeite de oliva, podendo contribuir para prevenção de doenças cardiovasculares. Ainda, o pequi é excelente fonte de fibras, compostos não nutrientes, mas fundamentais à saúde.

## 100 G DE POLPA DE PEQUI CONTÊM:

<b>PROTEÍNA</b>	2,3 g
<b>FIBRA</b>	19 g
<b>VITAMINA C</b>	8,3 g
<b>VITAMINA B1</b>	0,17 g
<b>VITAMINA B2</b>	0,48 g
<b>CARBOIDRATO</b>	13 g

Fonte: Tabela Nutricional Taco

Algumas frutas, como o baru ou cambaru, que é considerado fruto-leguminoso e possui apenas uma semente, do qual pode-se aproveitar a polpa, endocarpo e semente (amêndoa), ainda têm pouca expressão no mercado. Outras são visualmente mais conhecidas, porém, nem tanto de nome. É o caso do araticum que tem como uma das espécies mais famosas a fruta-do-conde (*Annona squamosa*). Seguidos da graviola (*Annona muricata*), o araticum-do-cerrado ou marolo (*Annona crassiflora*) e os outros muitos araticuns do Brasil.

O grande objetivo é o de popularizar essas frutas, enfatizando-se seu potencial sensorial, nutricional e funcional. Formas de agregação de valores são fundamentais para se garantir a oferta desses produtos ao longo de todo o ano, seja na forma *in natura*, seja na forma de polpa congelada, doces, geleias, compotas, sorvetes, bebidas etc. O potencial de comercialização dos frutos do cerrado, *in natura*, ou processados, no Brasil e exterior é enorme, em razão especialmente de seus aromas e sabores agradáveis e exóticos.



Foto: Alessandro Conegundes

À esquerda, a fruta-do-conde ou pinha é cultivada em todo o país e pode ser consumida *in natura*, e sua polpa serve bem como ingrediente no preparo de sucos. Acima, muito utilizado na cozinha nordestina, o Pequi é um dos frutos mais populares do Cerrado

# AS HORTALIÇAS ESQUECIDAS DO BRASIL

ARARUTA, TAIOBA, MAXIXE, JACATUPÉ, INHAME, ORA-PRO-NÓBIS. É PROVÁVEL QUE POUCA GENTE TENHA OUVIDO FALAR NELAS. PORÉM, ESTAS SÃO ALGUMAS HORTALIÇAS TRADICIONAIS DA CULINÁRIA DO PAÍS

POR CARLOS DUSSE

Algumas hortaliças fizeram parte da cultura nacional durante muitas décadas, mas sumiram dos pratos dos brasileiros. Elas são chamadas de não convencionais, devido ao baixo consumo e à baixa produção. O motivo do desaparecimento foi a mudança no hábito de alimentação causada pela globalização.

O setor agrícola passou a investir em produtos mais rentáveis. “As empresas de sementes deixaram as hortaliças não convencionais de lado porque não tinham valor comercial. Elas queriam um material pronto para ser comercializado. Como alguém vai vender um rizoma? É impossível”, disse Georgeton Soares, técnico de olericultura da Emater MG. Além disso, a vida corrida dos consumidores também alterou os modos de alimentação. “Ficou muito mais fácil comprar cenoura ou batata no supermercado do que plantar hortaliças não convencionais”, disse a pesquisadora da Epamig Sete Lagoas em Minas Gerais, Marinalva Woods.

A discrepância é tão grande que impressiona. No entreposto de São Paulo da Ceagesp, foram comercializadas 1,4 mil toneladas de 91 hortaliças diferentes em 2010. Vinte delas responderam por 90% de todo esse





Fotos: Carlos Dusse



1. A azedinha adapta-se a vários tipos de solo, mas em arenosos deverá ser dado um maior aporte de matéria orgânica. 2. Em regiões tropicais e equatoriais, o cultivo da vinagreira pode ser o ano inteiro. 3. O pexinho é mais comum em locais frios e sua folha é consumida frita, empanada ou à milanesa. 4. A ora-pro-nóbis possui proteínas e fibras, cálcio, ferro, retinol e vitamina C

volume. Somente as vendas do tomate equivaleram a 22% do total de hortaliças vendidas.

No que diz respeito à produção, existem diferenças em relação à forma de plantio de hortaliças não convencionais e daquelas que consumimos com mais frequência. “As diferenças mais comuns na produção de hortaliças não convencionais são a maior proximidade da região de consumo, a maior predominância de pequenos produtores, a maior dificuldade de escoamento da produção, a escassez de conhecimentos agrônômicos sobre o produto e o baixo investimento em pesquisa e em geração de conhecimento”, disse Anita de Souza Dias Gutierrez, chefe do Centro de Qualidade em Horticultura da Ceagesp. Vale acrescentar ainda que os vegetais raros não dependem do material de propagação (sementes, mudas, parte vegetativa da planta). Além disso, as hortaliças não convencionais crescem em solos marginais (aqueles com fertilidade mais baixa), o que reduz a necessidade do uso de fungicidas e inseticidas.

Para aumentar a produção e o consumo de diversas hortaliças não convencionais, diversos bancos estão sendo instalados em todo o país. Em Minas Gerais, a Emater e a Epamig, em parceria com o Ministério da Agricultura,

Pecuária e Abastecimento (Mapa), estão incentivando agricultores familiares a plantarem hortaliças não convencionais. Já foram instalados 43 bancos voltados exclusivamente para a pesquisa de características desse tipo de plantas, e, até o fim do ano, outros três vão ser implantados. Os bancos estão em cidades-polo de Minas Gerais, como Viçosa, Contagem, Varzelândia e São João del Rei. Além do Mapa, da Emater e da Epamig, os bancos foram criados com o apoio de associações, prefeituras, Embrapa Hortaliças e Embrapa Milho e Sorgo. A intenção é melhorar a qualidade da alimentação dos agricultores familiares, em um primeiro momento, e, posteriormente, da população em geral.

Atualmente, a dieta de grande parte dos brasileiros é rica em gordura (especialmente as de origem animal), açúcar e alimentos refinados. É baixo o consumo de carboidratos complexos e fibras, muito presentes em verduras, legumes e frutas. Para Anita de Souza Dias Gutierrez, o consumo de hortaliças não convencionais pode melhorar a qualidade da alimentação dos brasileiros. “A taioba tem o triplo de ferro da couve. O cará ou inhame do Nordeste tem três vezes mais fibra e o taro ou inhame

chinês uma vez e meia mais fósforo que a batata”, exemplifica ela.

Mas para que o consumo cresça e a alimentação do brasileiro melhore não basta aumentar a produção. Para a chefe do Centro de Qualidade em Horticultura da Ceagesp, é preciso introduzir as hortaliças não convencionais no cardápio das crianças. “Acredito que a melhor estratégia de introdução das hortaliças não convencionais na alimentação seria através da alimentação escolar, num programa semelhante à Escola do Sabor. A Escola do Sabor tem como objetivos a introdução de frutas e hortaliças na Alimentação Escolar e a aproximação entre a criança e a agricultura, por meio de brincadeiras, jogos, utilização de ferramentas lúdicas”, disse ela citando um projeto da Ceagesp em parceria com a Nossa Turma, associação beneficente que trabalha com crianças das comunidades vizinhas ao entreposto.

Outro recurso usado é o apelo à saúde. Os alimentos devem lembrar bons tempos que o consumidor viveu. “Quando você resgata o ato de consumir, é resgatada também a cultura e a história da população. As pessoas relembram os pratos de antigamente”, afirma a pesquisadora da Epamig Sete Lagoas, Marinalva Woods.



# A HISTÓRIA QUE COMEÇOU NO CHÃO

O QUE É 'PEDRA', DE ONDE SURTIU ESSE NOME E QUAL O SEU SIGNIFICADO? POR DIVERSAS VEZES NÓS, PROFISSIONAIS DA CEASA, SOMOS ABORDADOS COM ESSAS PERGUNTAS. ALGUNS SABEM RESPONDER, OUTROS NÃO. POR ISSO, DECIDIMOS INVESTIGAR

Por WHIRLLENY VIEIRA



Fotos: Divulgação Ceagesp

Ceagesp, década de 70



Desde remota antiguidade, quando não havia o sistema de moeda e mercadoria era trocada por mercadoria, todo o comércio era realizado em espaços estratégicos, porém a céu aberto.

Para a assessora de comunicação da Ceasa Paraná, Ana Maria Bordin, o nome Pedra nasceu ainda nas civilizações antigas, quando os negociantes expunham suas mercadorias sobre as famosas pedras para que os produtos não ficassem molhados e sujos do barro formado pelas chuvas. “As pedras eram abundantes na construção de templos e palácios, e as ruas não eram calçadas. O comércio era feito nas ruas sem estrutura alguma”, explica Ana Maria. Outra prática dos comerciantes era a utilização de determinado número de pedras para demarcar seu espaço.

Com os produtores rurais no Brasil não foi diferente. Os grandes empreendimentos da agricultura brasileira tiveram início na Pedra, espaço distribuído em diversos centros comerciais dos bairros e cidades. Desde a década de 1950, período em que o comércio de produtos hortigranjeiros nas capitais ficou mais forte, não existia uma área coberta onde os produtores pudessem vender seus produtos. Foram esses espaços que deram origem às grandes centrais de abastecimento que o Brasil tem hoje. Pedra é um nome simples e aparentemente sem valor, mas é o nome escolhido pelos produtores rurais para apelidar o que conhecemos hoje como Mercado Livre do Produtor (MLP). A Pedra é o local em que acontece a comercialização do hortifrutigranjeiro, e em

alguns estados, a venda de grãos, carnes, flores, peixes e outros produtos.

### ◉ O QUE MUDOU NA VIDA DOS PRODUTORES

No que tange à logística e variedade, muita coisa mudou. O mix de produtos aumentou e o transporte também. Segundo o técnico em abastecimento e integrante dos Processos de Implantação de Mercados em Minas Gerais e Manaus, João Filisberto Miranda, “o processo em si não mudou, mas não existia tanta formalidade, era uma coisa simples. Era a procura e a oferta do produto primando sempre pela qualidade e discutindo preço. Nos dias de hoje, essa mesma forma de efetuar a venda permanece. O maior diferencial daquela época para hoje é a embalagem. Antes, os produtos não eram acondicionados em embalagens próprias e chegavam em sacos, balaios ou a granel. Com o processo de implantação das Ceasas, os produtos passaram a ser acondicionados em embalagens de madeira (Caixa K), caixas de papelão e hoje estamos caminhando para a caixa plástica. Outra diferença é o crescimento da variedade de produtos ofertados”, conta.

O setor Ceasa expandiu e hoje configura entre os principais da economia brasileira, pertencendo ao “G4”, de acordo com dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Segundo estimativa do Departamento Técnico da CeasaMinas, os MLPs no país têm uma oferta anual de hortigranjeiros de 18 milhões de toneladas por ano, gerando valor estimado em R\$ 22 bilhões.

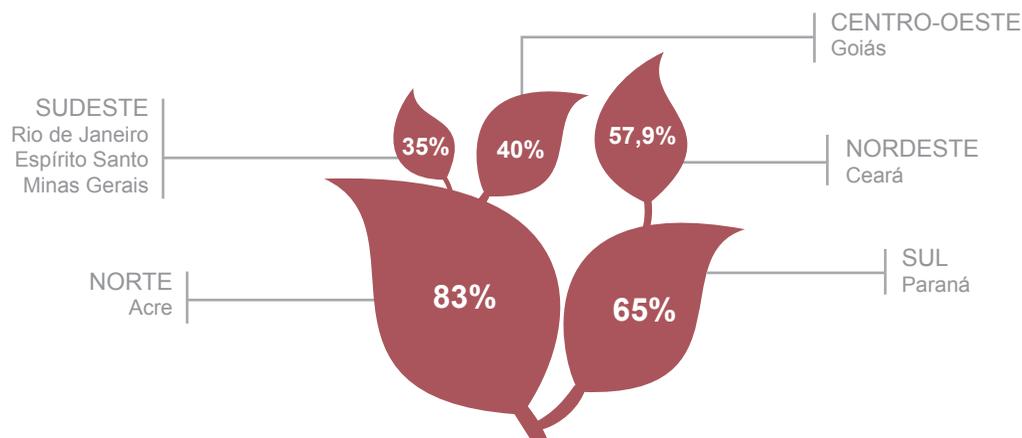
O trabalho começava ainda de madrugada na Pedra da Rua São Paulo, Centro de Belo Horizonte



Era comum encontrar crianças que acompanhavam os pais durante o trabalho



## PARTICIPAÇÃO DOS MLPs NA OFERTA DE HORTIGRANJEIROS



# PAINEL

## PRESIDENTE DA CEASA/CE REPRESENTA O BRASIL EM ENCONTRO

Fonte Ceasa/CE

O 2º Encontro Internacional de Mercados de Abastecimento, promovido pela Federação Latino-Americana de Mercados de Abastecimento (Flama), aconteceu entre os dias 20 e 22 de julho deste ano, na Venezuela. O evento reuniu representantes de 8 países da América Latina, entre eles o Brasil, representado pelo presidente da Ceasa/CE, Reginaldo Moreira, que também ocupa o cargo de vice-presidente da Flama.

Em nome da Associação Brasileira das centrais de abastecimento – Abracen – o presidente destacou a importância econômica do país e as ações atuais no que diz respeito ao desperdício nas centrais de abastecimento. “Nós trocamos experiências com outros países e garantimos novos espaços para o Brasil”, diz o presidente sobre a presença brasileira em encontros como este.

Durante o evento, foi deliberada a nova Junta Diretiva da Flama, além de apresentadas as ações da última gestão, presidida pela Venezuela, na qual o Brasil teve participação como 2º vice-presidente.

Na eleição deste ano, o Brasil foi destaque,



Central de Abastecimento de Maracaibo/Venezuela

ocupando a 1ª vice-presidência – Reginaldo Moreira, Abracen – e outras funções na coordenação: coordenação para o Mercosul, Sr. Mario Maurici, Ceagesp –, direção – Direção de Inocuidade e Segurança Alimentar, Sr. João Lages, Abracen, Direção Técnica para o Desenvolvimento de Projetos de centros de abastecimento, Sr. Ivens Mourão, Abracen – e outras designações como Membro Honorário, com o Sr. José Amaro, Abracen.

A expectativa é que a participação brasileira no setor seja ainda mais relevante nos próximos anos, elevando o país a ocupação da presidência geral da Flama.

## UFRPE PROMOVE PRIMEIRO ENCONTRO ACADÊMICO SOBRE AGROTÓXICOS EM PERNAMBUCO

Fonte: Agro News

O Programa de Educação Tutorial do Curso de Agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PET-Agronomia/UFRPE) promoveu o I Encontro Acadêmico sobre Agrotóxicos em Pernambuco. Por compreender a importância da atividade rural em Pernambuco e a necessidade de se cuidar da saúde dos trabalhadores rurais e do meio ambiente a UFRPE sediou o evento. Foi debatido também sobre a formação dos estudantes das ciências agrárias e a inclusão do tema na grade curricular.

O tema do evento foi encontro do Fórum Pernambucano de Combate aos Efeitos dos Agrotóxicos – uma interface na construção da grade curricular das Ciências Agrárias.

O encontro aconteceu no Salão Nobre

da UFRPE no dia 1º de julho de 2011, das 8h às 17h. As inscrições dos participantes foram gratuitas, sendo necessária a doação de 2 kg de alimentos não perecíveis por participante, que serão doados ao Abrigo Cristo Redentor. No final do evento os participantes tiveram direito a certificado com 8h de carga horária.

O evento foi organizado pelo PET Agronomia juntamente com o ICTR – Instituto de Ciência e Tecnologia Regional, foi patrocinado pela Ceasa Pernambuco e a ARPAN – Associação dos Revendedores de Produtos Agropecuários do Nordeste e foi uma realização do Fórum Pernambucano de Combate aos Efeitos dos Agrotóxicos na Saúde do Trabalhador, no Meio Ambiente e na Sociedade, do Ministério Público do Trabalho.



Fonte Alessandro Conegundes



Foto: Arquivo Ceasa Rio Branco

## BANCO DE ALIMENTOS TAMBÉM EM RIO BRANCO

Fonte: Ceasa Rio Branco

Está sendo construído dentro das dependências do entreposto da Ceasa Rio Branco um banco de alimentos, que visa armazenar e embalar de forma adequada produtos que poderiam ser descartados pelos agricultores, uma vez que estes não teriam mais como aproveitá-los, tornando mais fácil o armazenamento dos alimentos e distribuição para entidades filantrópicas de Rio Branco.

No Brasil a presença dessas empresas ainda é muito fraca, e sem uma organização é impossível evitar que os alimentos sejam mal acondicionados. Há muito que fazer para que se tenha um

avanço na segurança alimentar.

O conceito de banco de alimentos vem desde a década de 1960, quando nos Estados Unidos voluntários passaram a pedir os alimentos que seriam desperdiçados pelos supermercados para prepararem refeições para os mais necessitados. Com a superação, das doações, logo teve que ser feita a distribuição de alimentos para instituições filantrópicas. Desde então muitas outras cidades vieram reproduzindo o feito desses voluntários, e ganhou força no ano de 1976 quando se deu a reforma fiscal, desde então as doações tornaram-se mais vantajosas.

Hoje o banco de alimentos está presente em todo o mundo, o Brasil não poderia ficar de fora. Já somam-se 140 bancos de alimentos por todo Brasil, entre os que são chamados bancos públicos e os organizados pelas ONGs, cuja a maior rede está organizada pelo SESC juntamente com o Mesa Brasil, com a arrecadação de 32 mil toneladas de alimentos. Esse número poderia ser bem elevado, uma vez que muitos alimentos são descartados pelos proprietários de mercados, que ignoram que os alimentos que são jogados fora têm grande valor fiscal.



## AGROINDÚSTRIA NA CEASA DE MARINGÁ

Fonte: Ceasa/PR

A Ceasa do Paraná inicia nova política de abastecimento por meio da diversificação na oferta de alimentos, e uma das opções são os produtos processados pelas agroindústrias familiares.

Diante disso a associação Regional da Agroindústria – AREA, com sede em Maringá, vai comercializar a produção de seus cinquenta associados na Ceasa local. Segundo o presidente Marcelo Francisco Braga, “vamos iniciar a venda dos produtos no Mercado do Produtor, com planos de construir um espaço diferenciado tão logo tenhamos retorno comercial”.

A opção de venda direta da Associação foi apresentada pela gerente

da Ceasa de Maringá, Suely Bertolo do Rego, e por Abdel Naser, técnico da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento – SEAB, onde coordenava o Programa Fábrica do Agricultor, atualmente assessorando as unidades da Ceasa no interior do estado.

Naser explica que as centrais de abastecimento são uma opção lógica de apoio à comercialização da associação como teste de mercado. “Os produtores vão conhecer os compradores de várias regiões paranaenses e de outros estados, como Mato Grosso do Sul e São Paulo, que habitualmente comprem na Ceasa de Maringá, ver a aceitação e só depois decidir se continuam no Mercado do

Produtor ou transferem-se para um ponto fixo (quiosque ou box)”, explica. O período experimental é de sessenta dias, tempo necessário para se conhecer esse novo cliente potencial.

O presidente da AREA, Marcelo Braga, acredita que os produtos terão boa comercialização. “A aceitação depende da qualidade, que já pudemos demonstrar em cinco anos de trabalho aqui na região. Agora, vamos conhecer novos compradores e a primeira necessidade era um canal de escoamento como o da Ceasa,” destaca. A Associação vai ofertar, inicialmente, mel, sucos, vinhos, conservas, bolachas, pães, doces caseiros e noz macadâmea.

## CEASA/RS RECEBE MISSÃO TÉCNICA DA ARGENTINA

Na tarde de quarta-feira, 29 de junho, a Ceasa/RS recebeu uma organização pública da Argentina chamada de Conselho Federal de Investimentos (CFI), organização técnica e financeira, que trabalha na função de desenvolvimento de seus estados membros e políticas, em diversos campos de trabalho. Um dos estados membros, a Província de Rio Negro, organizou uma viagem ao Brasil, também chamada de missão técnica, especialmente para a área de produção de maçãs e pêras, em instituições públicas e mercados como a Ceasa/RS.

Na província de Rio Negro, 52% dos produtores são considerados pequenos, com menos de 15 hectares de produção. Participaram da comitiva 25 produtores de cidades da Província de Rio Negro, deputados estaduais, o secretário de Fruticultura engº agrônomo Carlos M. Colavita, o subse-



cretário de Fruticultura Roberto Walter Avella, além de demais autoridades da área, imprensa especializada e federação de produtores de frutas de Rio Negro.

A Comitiva foi recebida por Claiton Colvelo da área técnica da Ceasa/RS e Valtair Niemeier – EMATER, que

apresentaram o GNP (Galpão Não Permanente) aos visitantes, o setor de frutas nacionais e importadas e conheceram atacadistas importantes como Ademar Borelli e Claudimar Zanco, da empresa Silvestrin Frutas e empresa Frutasul.



## NOVOS MEMBROS DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DA CEASA/PI TOMAM POSSE

Os novos membros do Conselho de Administração da Central de Abastecimento do Piauí (Ceapi) tomaram posse em solenidade realizada na sala da presidência do órgão. Na ocasião, foram nomeados dez novos titulares, entre eles representantes do Governo do Estado, da Assucepi (Associação de Usuários e Permissionários da Ceapi), dos sócios, bem como, dos profissionais do mercado.

A cerimônia de posse contou com a presença do diretor presidente da Ceapi, Carlos Alberto de Brito Monteiro; do deputado estadual Fernando Monteiro; do diretor administrativo e financeiro, Juraci Santana; do diretor técnico e operacional, Filemon Paranguá; do diretor de programas e projetos especiais, Valmir Silveira; e ainda do advogado da Central de Abastecimento, Marciano Nunes.

Durante o evento, o diretor presidente

do órgão fez um panorama geral da Ceapi, abordando as principais características. Entre outros pontos explanados, Carlos Alberto comentou sobre as perspectivas para a sua nova administração e a sua expectativa pelo trabalho que será desempenhado, a partir de agora, pelo novo conselho administrativo da Central de Abastecimento. "Queremos um conselho atuante que nos ajude a desenvolver cada dia mais a nossa Ceapi", disse o presidente.

O Conselho de Administração da Ceapi foi criado em maio de 2007 e é disciplinado pelo Decreto 52.337, de 7 de novembro de 2007. A sua função é fixar as diretrizes gerais de atuação, como a aprovação dos regimentos internos e do orçamento anual, e pela realização de inspeções, auditorias ou tomadas de contas.

### NOVOS MEMBROS DO CONSELHO:

#### Indicados pelo governo do estado:

Valtenor Santana de Macêdo;  
Raimundo Fonseca dos Santos Sobrinho;  
Henrique Veloso Alves;

#### Indicados pela Assucepi:

Francisco Eudes de Macêdo Marques;  
José Ribamar Lopes;

#### Indicados pelos sócios:

Cícero de Andrade Veloso Junior;  
José Luis Barbosa de Moraes;  
Raimundo Nonato Alves da Costa;

#### Indicados pelos profissionais de mercado:

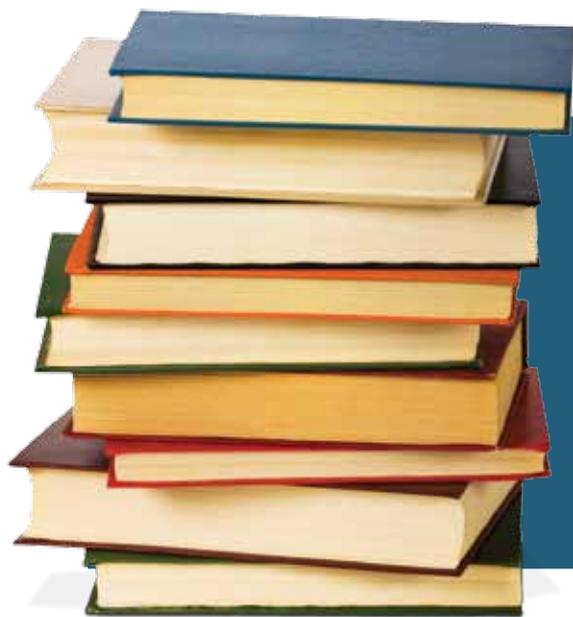
Nelson Luis Nogueira Cardoso;  
Hélio Ferreira Brito.

PAVILHÃO L  
3394-1014

**Coimbra**  
DISTRIBUIDORA DE FRUTAS

**ARAGUAIA**  
FRUTAS E LEGUMES

PAVILHÃO N  
3394-1057



UM POUCO DE HISTÓRIA

# PARADIGMAS OU NOVAS OPORTUNIDADES?

CARMO RUBILOTTA\*

**R**ecentemente, durante o debate sobre o tema que havia apresentado numa reunião da Abracen em Brasília, fui “carinhosamente” elevado à categoria “DINOS” das Ceasas. Claro que incluíram outros companheiros remanescentes daquele período para que eu não carregasse sozinho e talvez injustamente todo aquele peso centenário (ou milenar) nas costas!

Este movimento de efeito comparativo tomou forma e a Abracen chegou a pensar em institucionalizar um departamento só para cuidar e acomodar este grupo de ancestrais originários das primeiras Ceasas brasileiras. O nome já estava pronto e sugerido – Departamento de Paleontologia – DEPAL! Ficamos lisonjeados!

Claro que parte disto tudo tem seu lado lúdico, mas, após pensar, conscientizar-me e olhar para o lado da “dura” realidade temporal e inspirado, talvez, pelos deuses que sempre protegeram nossas Ceasas neste longo caminho, comecei então fazer uma “breve” retrospectiva e foi quando percebi que já é até possível escrever um livro de memórias para contar, entre outros casos, sobre os momentos angustiantes que antecediam a ocupação das atuais Ceasas. Deslocar o comércio estabelecido, geralmente, nos centros das cidades para as novas instalações, custou a alguns companheiros da época vários tipos de agressões, mesmo com todo o aparato de apoio.

Já nos mercados, lembrei-me das diversas vezes que fechamos boxes por qualquer situação contrária às regras e normas do então todo-poderoso Regulamento de Mercado. Participei de reuniões quando governadores, pressionados pelos produtores rurais, determinavam que a Ceasa assumisse o papel de compradora do excedente da safra de determinado produto na esperança de evitar, assim, o risco de prejuízo maior mesmo tendo sido, estas autoridades, alertadas sobre os Estatutos Sociais, que não permitiam tamanhas intervenções. Mas, naquela época as Ceasas para eles talvez não pas-

sassem mesmo de empresas comerciais. Recordo-me bem dos “P. H.” (Posto de Hortigranjeiros) da COBAL instalados nos pavilhões de várias Ceasas, comprando dos produtores e destinando a regiões desprovidas de infraestrutura produtiva e de mercado. Fiz parte de um programa da COBAL, também chamado de PROHORT, mas seu formato se destinava a financiar pequenos produtores rurais para a produção de hortigranjeiros. Além disto, quem não se lembra da “cidade hortigranjeira”, era este o nome?

Participei, sem dúvida, de vários bons e maus momentos nesta longa história. Situações que no início do sistema Ceasa pareciam “pecaminosas” e que hoje se assemelham e se confundem com instrumentos de estímulo e garantia da produção e do consumo como os programas governamentais de combate à fome, a exemplo do PAA, Merenda Escolar, dentre outros.

Talvez, sem muita consciência, já havíamos enfrentado alguns paradigmas e, agora, passando por estas páginas amareladas, eu continuo acreditando que o desafio é, ainda, nossa maior força para perseverar nesta missão (ou não somos missionários?). Especialmente quando neste momento as Ceasas vivem um novo ciclo de gestão, modernização tecnológica e logística, intercâmbios, parcerias e mobilização política, responsabilidade ambiental e social.

Acredito que estamos prontos para encarar e talvez quebrar alguns paradigmas que se arrastam desde a geração “DINOS”. Não penso que as Ceasas devam começar a exercer uma política de estoques reguladores e/ou estratégicos para os hortifrúts (embora isto já tenha sido sugerido no passado), mas penso que devemos contribuir de forma mais incisiva na dinâmica do comércio e dos negócios através de ações e iniciativas participativas, facilitadoras e estimuladoras.

Afinal, até onde podemos ou devemos chegar? Temos limites? Claro que sim, mas creio que devemos nos colocar diante dos novos desafios que o mercado e a sociedade nos exigem, o que é muito bom!

\*Diretor técnico da Ceasa Espírito Santo

# Evite riscos

Só negocie com Representantes Comerciais registrados.

O registro dos Representantes Comerciais no Core-MG atesta que os profissionais e empresas são orientados e fiscalizados a partir dos preceitos éticos e legais da profissão. Feche negócios bons, honestos e seguros. Quando negociar com Representantes, exija a carteira do Core-MG.



**CORE-MG**

Conselho Regional dos Representantes  
Comerciais do Estado de Minas Gerais

(31) 3071-3300

[www.coreminas.org.br](http://www.coreminas.org.br)

COMERCIAL  
IRMÃOS  
PEREIRA



Pavilhão E - Lojas 32-38 - CeasaMinas

Tel: (31) 3394-1954

e-mail: [pereira.prereira@uol.com.br](mailto:pereira.prereira@uol.com.br)



# INOVAÇÕES E CONQUISTAS

FOTOS CARLOS DUSSE

Foi lançada, no último dia 6 de julho, a Frente Parlamentar em Defesa das Ceasas (FPDCAI). O evento, realizado na Câmara dos Deputados, contou com a presença de diversos deputados federais e representantes do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Técnicos de diversas centrais de abastecimento também estiveram presentes naquele que foi um dos principais momentos da comemoração dos 25

anos de fundação da Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento (Abracen). O principal objetivo da Frente Parlamentar é promover o debate a respeito do Projeto de Lei 8.001/10 e impulsionar a sua aprovação.

O evento marcou também o lançamento do Manual Operacional das Ceasas do Brasil. O Manual é o primeiro do gênero em todo o mundo e foi escrito por professores de universidades, técnicos de diversas Ceasas e outras instituições.



1. Presidente da Abracen e da CeasaMinas discursa no lançamento da Frente Parlamentar. 2. Autoridades acompanham discurso de João Alberto Paixão Lages. 3. Auditório da Câmara dos Deputados esteve lotado durante lançamento da Frente. 4. Deputado federal Leonardo Quintão discursa durante lançamento da Frente Parlamentar. 5. Leonardo Quintão recebe a quinta edição da revista Abastecer Brasil. 6. Autoridades apoiaram a Frente Parlamentar e prestigiam seu lançamento



7. Paulo Roberto (Brastece), Ronaldo Navarro (CeasaMinas), Waldir de Lemos (Acegri) e Valdemir Rebello (Ceasa Rio de Janeiro). 8. Agnaldo Meira (Secretário de Agricultura de Juazeiro/BA), Carlos Neiva (Secretário de Desenvolvimento Econômico de Juazeiro/BA) e Justiniano Félix (Gerente do Mercado Produtor de Juazeiro/PE). 9. Eduardo Pimentel (Ceasa/Paraná), Valério Borba (Ceasa/Paraná) e Nestor Pistorello (Ceasa/Caxias do Sul). 10. Nivaldo Doro (Diretor-Presidente da Ceasa/Campinas), Ana Rita Pires Stenico (Gerente do Departamento Mercado de Flores da Ceasa/Campinas) e Eliana Fernandes (Ceasa/Campinas). 11. Sérgio Pereira (Ceagesp), Carlos Magno (Conab), Marcos Araújo (CeasaMinas), Márcio Cunha (Diretor-administrativo financeiro da CeasaMinas), Mário Maurici (presidente da Ceagesp) e Sérgio Baima (Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará). 12. Gerson Madruga (diretor-técnico operacional da Ceasa/Rio Grande do Sul) Ana Paschoal (diretora técnico-operacional da CeasaMinas) e Francisco Mendonça (Ceasa Patos de Minas). 13. Leonardo Quintão (PMDB/MG), deputado federal Wilson Filho (PMDB/PB), João Alberto Paixão Lages e o presidente da Juventude Nacional do PMDB, Gabriel Souza. 14. Marcos Araújo, Márcio Cunha (diretor técnico-financeiro da CeasaMinas), Carlos Magno, deputado federal Antônio Andrade (presidente do PMDB/MG) e Libiane Campos. 15. Ronan Súives foi um dos autores do Manual Operacional das Ceasas do Brasil. 16. Altivo Almeida Cunha faz discurso durante o coquetel. 17. Deputado federal Antônio Andrade (PMDB/MG) homenageia Tomé de Freitas, um dos autores do Manual Operacional da Ceasas do Brasil. 18. Agnaldo Meira (Secretário de Agricultura de Juazeiro/BA), João Alberto Paixão Lages (presidente da Abracen e da CeasaMinas), Justiniano Félix (Gerente do Mercado Produtor de Juazeiro/PE), Altivo Almeida Cunha, Carlos Neiva (Secretário de Desenvolvimento Econômico de Juazeiro/BA) e José Bismarck Campos (CeasaMinas). 19. João Alberto Paixão Lages e José Amaro (Abracen). 20. Autoridades participam do coquetel comemorativo aos 25 anos da Abracen



# SUPERMERCADOS E OS HÁBITOS ALIMENTARES

O QUE REVELAM AS PESQUISAS RECENTES

ALTIVO R. A. ALMEIDA CUNHA<sup>1</sup>  
GUSTAVO ALMEIDA<sup>2</sup>

O conceito de agronegócio como referencial analítico do desenvolvimento agropecuário teve ampla aceitação no Brasil, muito maior mesmo do que seu alcance analítico originalmente proposto. Derivado da concepção clássica de agribusiness, o “agronegócio” transformou-se em um jargão político e, conforme os grupos de interesse, tendem a encarnar “todo mal” ou “todo bem” que envolve os recursos, a produção e o destino dos alimentos.

Na realidade, essa interpretação valorativa do conceito, que inclusive levou à criação de um ministério que trata “do agronegócio” (Mapa) e outro da agricultura familiar (MDA), só faz sentido, se é que faz, no campo político. A formulação do conceito de *agribusiness* expressa a soma de três grandes agregados econômicos: 1) a indústria para agricultura, aqui brevemente traduzida como “antes da porteira” e que compreende a indústria de insumos químicos, como fertilizantes e defensivos, indústria mecânica produtora de tratores, implementos e maquinaria de uso agrícola, como irrigação, e a genética, como sementes e matrizes; 2) Os setores agropecuário e da silvicultura, ou “dentro da porteira”, e 3) a indústria de alimentos, agroindústria, e as esferas de distribuição como atacado, varejo e alimentação fora do domicílio (ou “depois da porteira”).

Esse conceito, quando analisado de forma agregada, é útil para se avaliar a dimensão dos negócios que têm a produção agrícola como base, embora tenha como pressuposto a diminuição da contribuição da agricultura no valor agregado total dos produtos agro-

alimentares. E isso não é uma contradição: essa diminuição decorre do alongamento das cadeias produtivas e da agregação de valor aos alimentos “depois da porteira”, seja pela transformação agroindustrial ou pela adição de elementos de qualidade e informação, como embalagens, rotulagem e classificação. No entanto, esse conceito pouco contribui para esclarecer sobre o sentido geral, ou os rumos da organização da sociedade, que define os padrões e valores da produção de alimentos, bem como a forma de relação entre os agentes produtores e os consumidores.

Os sociólogos lançam mão de um conceito pouco explorado no Brasil, talvez porque sua tradução gere um incômodo falso cognato: o conceito de “regime alimentar” como definidor dos sistemas agroalimentares. Para autores como a socióloga Harriet Friedman, da universidade de Toronto, estamos vivendo na fase do “terceiro regime alimentar” definido como “regime alimentar das corporações-ambientais”, sendo caracterizado pela flexibilização da produção, facilidades na circulação dos alimentos a longas distâncias, preocupação com a qualidade dos alimentos, segurança alimentar, padrões de controle sanitários, produtivos e de transporte, entre outros fatores. Neste novo “regime alimentar” têm papel central as grandes corporações de supermercados, que dominam as tendências de mercados, padrões e qualidade, captando as exigências dos consumidores e pressionando, via contratos, uma redução na margem de lucro dos produtores e agroindústrias.



# Solicite seus documentos de qualquer lugar do Brasil.

- 2ª Via de Registro Civil (Nascimento, Casamento e Óbito)
- Averbação (Separação, Divórcio e Retificação)
- Pasta Pronta Imobiliária
- Pesquisa Patrimonial
- Certidão de Registro e Matrícula do Imóvel
- Certidões para Compra e Venda de Imóveis
- Baixa de Hipoteca
- Registro de Contratos
- Encaminhamento de Títulos para Protesto (Cheques, Notas Promissórias, Contr. e Duplicatas)
- Cancelamento de Protestos
- Notificações
- Certidões Forenses (Distribuidor Civil, Criminal, Justiça do Trabalho, Falência e Recuperação Judicial)
- Busca de Atos Societários nas Juntas Comerciais
- Certidão de Quitação de Tributos (Municipais e Estaduais)
- Reabilitação de Crédito
- Cidadania (Italiana, Espanhola e Portuguesa)
- Busca de Histórico Escolar

Somos uma empresa especializada em intermediação Cartorária com 19 anos de experiência, idealizada para facilitar e desburocratizar o seu dia a dia, composta por uma equipe preparada e com formação jurídica. Obtemos Certidões e Documentos junto a cartórios e repartições públicas em todo Brasil, com agilidade e segurança, o que minimiza custos, preocupações e transtornos comuns à rotina dessas instituições. Trazemos soluções cartorárias personalizadas, preços diferenciados e você pode solicitar seus documentos em qualquer lugar do Brasil.



SERVIÇO PRIVADO DE INTERMEDIAÇÃO CARTORÁRIA

Fone 55 31 3244.1198

Av. Brasil, 1506 • Funcionários • Belo Horizonte  
MG CEP 30540-020 • [www.cartorio.com.br](http://www.cartorio.com.br)

Este aspecto é importante para analisar as implicações da mudança nos padrões de consumo de alimentos no Brasil. Em pesquisa recente realizada em 2011 e financiada pela Confederação Nacional da Agricultura – CNA, foi traçado um amplo quadro dos hábitos alimentares de FLV no Brasil, a partir de uma pesquisa *quali-quantitativa* de abrangência nacional.

Cerca de 80% da aquisição de FLV se dá nos supermercados. O aspecto interessante é que na pergunta “Razões para eleger o principal local para compra das FLVs”, na comparação entre supermercados, sacolões e feiras livres, os itens que são mais bem pontuados para os supermercados são proximidade e praticidade (diversos itens a venda em um local), sendo que sacolões e feiras obtêm avaliações bem superiores nos quesitos “menor preço”, “quantidade”, “variedade”, “frescor” e “higiene”.

Este aspecto torna-se preocupante quando cotejado com a questão levantada nesse estudo sobre “Razões para limitação no consumo de frutas e hortaliças”. No caso das frutas, os dois principais aspectos apontados foram “restrições financeiras” (48%) e “falta de costume de consumo” (38%). Para hortaliças, os principais aspectos de limitação de consumo foram igualmente “restrições financeiras” (38%) e “perdas dos produtos” (17%). Justamente aspectos em que os supermercados são pior avaliados!

Outra pesquisa de âmbito nacional recém-divulgada, a

Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2008/2009, identificou algumas características negativas dos padrões de consumo alimentar em todo o país e em todas as classes de renda, como o teor excessivo de açúcar (16,4%) e a participação insuficiente de frutas (2%) e verduras e legumes (0,8%) na alimentação. Entre os produtos que apresentaram aumento de suas quantidades per capita médias em relação ao levantamento anterior de 2002-2003 e 2008-2009, destacam-se o refrigerante de cola, que aumentou em 39,3%, a água mineral em 27,5% e a cerveja em 23,2%. Frutas, verduras e legumes correspondiam a 2,8% das calorias naquele ano, um quarto das recomendações de pelo menos 400 gramas diários ou de 9% a 12% das calorias de uma dieta de 2.000 kcal.

O padrão de consumo de FLV dominado pelos supermercados representa uma grande contradição: por ser mais prático, é o local de compra preferido desses produtos. E justamente por mais ofertas de produtos, os supermercados parecem estimular os consumidores para compra de outros produtos, principalmente os industrializados, atribuindo aos FLV o papel de uma compra residual, cara e de baixa qualidade.

1. AGRÔNOMO, DOUTOR EM ECONOMIA (UNICAMP).  
PROFESSOR ADJUNTO DA FEAD/MG

2. AGRÔNOMO, MSC PÓS COLHEITA (UIFLA). CHEFE DO  
DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES DE MERCADO - CEASAMINAS



# CEASAMINA

Na hora de fazer as compras, priorize  
produtos que você e a sua família co



**CEASAMINAS**

Centrais de Abastecimento

Rodovia BR 040 / km 688 - Bairro Guanabara



# AS

**PLANTANDO FUTURO,  
COLHENDO SAÚDE E  
DISTRIBUINDO CIDADANIA.**

ize a variedade e a qualidade dos  
onsomem. Escolha a CEASAMINAS!



- Contagem - MG - [www.ceasaminas.com.br](http://www.ceasaminas.com.br)

Sabor  
**Qualidade**  
frescor

marketingpro.com.br



**NL FRUTAS E LEGUMES**

Com esta marca você tem qualidade garantida

[www.nlfrutas.com.br](http://www.nlfrutas.com.br)